

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CAMPUS SÃO BORJA
CURSO DE JORNALISMO

RAYSSA VELASQUE MAMBACH

**DEMOCRACIA DAS VOZES DO DISCURSO: A PERCEPÇÃO DO FEMINISMO
NA VOZ DE UMA MULHER JORNALISTA E ESCRITORA**

**São Borja
2023**

RAYSSA VELASQUE MAMBACH

**DEMOCRACIA DAS VOZES DO DISCURSO: A PERCEPÇÃO DO FEMINISMO
NA VOZ DE UMA MULHER JORNALISTA E ESCRITORA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Geder Luis Parzianello

São Borja

2023

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

M263d Mambach, Rayssa Velasque
Democracia das vozes do discurso: a percepção do feminismo
na voz de uma mulher jornalista e escritora / Rayssa Velasque
Mambach.
85 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, JORNALISMO, 2023.
"Orientação: Geder Luis Parzianello".

1. feminismo. 2. feminismos. 3. jornalismo. 4. gênero. 5.
rebecca solnit. I. Título.

RAYSSA VELASQUE MAMBACH

**DEMOCRACIA DAS VOZES DO DISCURSO: A PERCEPÇÃO DO FEMINISMO NA VOZ DE
UMA MULHER JORNALISTA E ESCRITORA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Jornalismo
da Universidade Federal do Pampa,
como requisito parcial para obtenção
do Título de Bacharel em Jornalismo.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 02/02/2023.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Geder Luis Parzianello
Orientador
UNIPAMPA

Prof^a. Ma. Sandra Regina Barbosa Parzianello
UNIPAMPA

Prof.^a Dra. Katia Vieira Moraes
UNIPAMPA

Prof.^a Dra. Sara Alves Feitosa

UNIPAMPA



Assinado eletronicamente por **KATIA VIEIRA MORAIS, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 02/02/2023, às 18:41, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **SARA ALVES FEITOSA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 03/02/2023, às 14:27, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **GEDER LUIS PARZIANELLO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 03/02/2023, às 15:14, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Sandra Regina Barbosa Parzianello, Usuário Externo**, em 03/02/2023, às 19:46, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1038614** e o código CRC **E532A74D**.

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho a minha família, especialmente, aos meus pais, que apesar de todas as dificuldades, nunca deixaram de acreditar nos meus sonhos. Mas também, aos meus irmãos que contribuíram, de várias formas, para que eu entrasse e permanecesse na universidade. Amo vocês.

Agradeço, profundamente, o meu orientador, o prof. Geder Parzianello, que diante de dúvidas e incertezas, sempre foi uma constância de convicção e incentivo. Gratidão.

Um enorme agradecimento às minhas grandes amigas que, mesmo longe, participaram cotidianamente dos meus quatro anos de graduação e não deixaram de me ouvir, mesmo quando o assunto era somente o TCC: Fernanda, Vivian e Yanara. Grata pelo apoio e amor de sempre.

À minha amiga Emelly, que me acompanha desde o ensino médio, e entende até a minha fala acelerada e desconexa.

Gratidão à minha amiga Lauren, que dividiu a casa e a vida comigo nos anos de graduação. Foi um prazer ter compartilhado as alegrias e as adversidades da faculdade com você.

Aos amigos que conquistei na universidade, os quais me proporcionaram memórias que levarei para vida toda, e que me fazem já sentir saudades da graduação: Ana Isabel, Caroline e Eric. Um imenso obrigada a vocês.

Aos colegas que se tornaram amigos e que dividiram comigo angústias da graduação, da pandemia e da vida em trabalhos em grupo e no nosso grupo de WhatsApp: Anthony, Andressa, Pâmela e Rafael.

À Mandata Popular que esteve comigo neste último ano e fortaleceu meus princípios.

À todas as mulheres que lutam pelo fim do patriarcado. À todas que vieram antes de mim e possibilitaram a minha – ainda não tão livre – existência pelo mundo. Obrigada.

A todos os meus professores de graduação. Gratidão pelo conhecimento!

À Universidade Federal do Pampa (Unipampa) que oportunizou o meu acesso a uma universidade federal, gratuita e de qualidade, tornando-me uma jornalista capacitada.

Obrigada.

RESUMO

O presente trabalho aborda o feminismo, a partir da ótica da jornalista e escritora estadunidense Rebecca Solnit, manifestada em duas de suas obras literárias de não ficção publicadas no Brasil. Através da perspectiva da jornalista, foi possível discutir a pluralização do termo feminismo em feminismos. A pesquisa possibilitou também criticar o movimento feminista, sem inferiorizá-lo, criticando as falhas do feminismo que promoveram a segmentação do movimento em diversas vertentes - porque o todo não contemplava todos os tipos de ser mulher -, e salientando a relevância dos feminismos ainda nos dias de hoje, com a violência de gênero sendo ainda um problema no cenário nacional e fora dele. Com análise textual e discursiva, por meio da pesquisa biográfica e bibliográfica, compreendemos que os meios de comunicação contribuíram tanto para estigmatizar o movimento feminista, como também serviram de palco para amplificar a voz de Rebecca Solnit, que alcançou tantas outras pessoas, discutindo não somente sobre gênero, mas a diversidade de modo geral. Este trabalho discutiu gênero, diversidade, jornalismo literário, sensibilidade e subjetividade jornalística, política e discurso.

Palavras-chave: Feminismo; Feminismos; Jornalismo; Gênero; Rebecca Solnit.

ABSTRACT

The present work approaches feminism from the point of view of the American journalist and writer Rebecca Solnit, as manifested in two of her literary works of non-fiction published in Brazil. Through the journalist's perspective, it was possible to discuss the pluralization of the term feminism into feminisms. The research also made it possible to criticize the feminist movement, without inferiorizing it, criticizing the flaws of feminism that promoted the segmentation of the movement into several strands - because the whole did not contemplate all types of being a woman -, and pointing out the relevance of feminisms even nowadays, with gender violence still being a problem in the national scenario and beyond. With textual and discourse analysis, through biographical and bibliographical research, we understand that the media contributed both to stigmatizing the feminist movement, and also served as a stage to amplify Rebecca Solnit's voice, which reached so many other people, discussing not only gender, but diversity in general. This paper discussed gender, diversity, literary journalism, journalistic sensibility and subjectivity, politics, and discourse.

Keywords: Feminism; Feminisms; Journalism; Gender; Rebecca Solnit.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	07
2. OS FEMINISMOS E O DISCURSO DE UNIDADE	15
3. O FEMINISMO PELA ÓTICA DA JORNALISTA REBECCA SOLNIT E PELO USO DA SENSIBILIDADE DA ESCRITORA	32
3.1 Uma obra com fragmentos de uma estrutura viciada na unidade branca, masculina e cisheteronormativa	40
4. A PLURALIDADE DOS FEMINISMOS ALCANÇA INTERSECCIONALIDADES	55
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
ANEXOS	77
BIBLIOGRAFIA	84

1. INTRODUÇÃO

Como a gente é antes mesmo de saber nomear o que se é, fui, assim como a escritora de não ficção e jornalista estadunidense Rebecca Solnit, feminista antes de me nomear feminista. O meu interesse em relação ao feminismo surgiu a partir do entendimento primário do que é o feminismo na minha adolescência. Pesquisar o feminismo, através da ótica de Rebecca Solnit, surge por meio de uma conversa com o meu orientador de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Eu não conhecia a autora e meu orientador havia lido sobre ela em um jornal; uma matéria sobre o livro “Recordações da minha inexistência – memórias”, um de seus livros que serão tomados em minha pesquisa para uma proposta de análise textual e discursiva.

Partindo da posição de Rebecca Solnit, através desta pesquisa embasada na leitura dos livros “Recordações da minha inexistência” (2021) e “De quem é esta história? – feminismo para os tempos atuais” (2020), vamos responder, usando a Análise de Discurso e de Narrativa Textual, a pergunta: “Como a jornalista e escritora Rebecca Solnit narra a questão do feminismo e responde ao silenciamento histórico de mulheres?”.

Rebecca Solnit é uma jornalista, escritora, historiadora e ativista. Nasceu em 1961, na cidade de Bridgeport, em Connecticut, nos Estados Unidos. Ela é autora de mais de vinte livros sobre feminismo, história ocidental, mudança social e outros temas. Entre seus livros mais populares no Brasil estão “Os homens explicam tudo pra mim” e a “Mãe de todas as perguntas”. Ela é colunista do *The Guardian*¹ e colaboradora do portal *Literary Hub*². Por ser associada à criação do termo feminista “mansplaining”, entrevistas e matérias sobre a autora também se tornaram populares no Brasil, sendo repercutida por feministas nacionais.

Aos 15 anos, Solnit realizou o exame de conclusão do ensino secundário (pois ela não frequentou a escola convencional); aos 16, ingressou num curso superior de dois anos; aos 17, se transferiu para a Universidade Estadual de São Francisco, onde morava; na sequência, fez pós-graduação em Jornalismo na Universidade da Califórnia, em Berkeley, onde se formou, aos 22 anos. Enquanto estava na pós-graduação, Solnit foi contratada pelo Museu de Arte Moderna de São

¹ Ver em <https://www.theguardian.com/profile/rebeccasolnit>.

² Ver em <https://lithub.com/author/rebecca-solnit/>.

Francisco, e no local produziu, pela primeira vez, conteúdo para um livro. A tarefa era pesquisar sobre obras de arte e escrever sobre elas. Com a função, Solnit aprendeu bastante sobre arte moderna e contemporânea³.

Eu montava um dossiê para cada obra – seu histórico de vendas e de propriedade, o histórico de exposições, um pouco de informações sobre a vida e a obra do artista na época da criação do quadro, contexto sobre outras obras relacionadas, e outros aspectos. Passei dois anos entrando e saindo de salas de reserva técnica, arquivos, pilhas de livros, datilografando dados numa grande máquina de escrever elétrica, trocando correspondência com estudiosos, solidificando a biografia de algumas dezenas de obras de arte; e também ampliando e aprofundando minhas próprias noções de história da arte. (RDMI, p.125)⁴.

Trabalhando no museu, Solnit se interessou pela história de um artista de Los Angeles, Wallace Berman, porém, não havia muito conteúdo escrito sobre ele, apenas um catálogo de obras. Dessa forma, Solnit produziu um livro sobre o artista. Em sua tese de pós-graduação escreveu seu primeiro livro, tendo Berman como tema central. Utilizando as técnicas jornalísticas, Solnit procurou materiais de arquivo e entrevistou pessoas do círculo de Berman. Conforme a autora, no livro RDMI, ele havia falecido em 1976, após destruir a única gravação de entrevista realizada com ele (RDMI, p. 134). Sendo assim, não havia nenhum material pronto para compor a produção de Solnit, que precisou reconstruir quem Berman era, através das pessoas que foram próximas do artista.

Finalizando a pós-graduação, Solnit se empregou como assistente editorial numa pequena revista de arte, na sequência, tornou-se editora assistente e depois diretora executiva da revista. No local, Solnit escrevia obituários, resenhas, matérias de capa, reportagens investigativas e textos para preencher os espaços das páginas; também ajudava a editar matérias mal escritas. Trabalhavam no espaço apenas mulheres, ela trabalhou lá por três anos e meio.

Interessada em escrever sobre um assunto que tivesse relação com a minha existência, encontrei em Rebecca Solnit particularidades de identificação, desta forma, escolhi duas de suas obras para integrar o desenvolvimento da minha

³ Conforme a autora em “Recordações da minha inexistência – memórias”, publicado no Brasil em 2021 pela Companhia das Letras.

⁴ Citação do livro “Recordações da minha inexistência”, um dos objetos de estudo desta pesquisa. Para evitar a repetição do nome dos livros ou da autora dentro das referências entre parênteses, este estudo opta por abreviar o nome dos livros utilizados em: “RDMI” (Recordações da minha inexistência) e “DQEH” (De quem é esta história? – Feminismos para os tempos atuais), visto que são os objetos de pesquisa que serão, frequentemente, mencionados ao longo do estudo. Desta forma, após citação de um enunciado de um dos livros, haverá um parênteses com a abreviação do título do livro junto da página da qual a citação foi retirada).

pesquisa. Solnit é feminista, assim como também me considero – embora, em construção, compreendendo, tanto junto deste trabalho, quanto com as minhas experiências pessoais, a ser feminista –, mas não escreve teoricamente sobre o feminismo, contudo, acrescenta ao feminismo com suas produções jornalísticas, pois é colunista e escreve sobre o tema, além de também contribuir muito através de suas produções literárias de não ficção. Inclusive, a literatura em geral me interessa profundamente, poder escrever cientificamente sobre jornalismo, feminismo e ainda poder trazer a literatura para o trabalho, materializa interesses e particularidades minhas, sendo, dessa forma, uma síntese de quem, atualmente, sou e sobre o que discurso.

Considero que o feminismo não tem que repercutir apenas dentro e através da academia, nas teorias, em linguagem científica sem alcançar públicos diversos, então, julgo que a produção de Solnit é importante para o fortalecimento de mulheres (que não estão interessadas no feminismo teórico, mas na luta feminista que é vista, diariamente, nas manchetes dos jornais ou na casa de amigas e vizinhas, que é o que Solnit faz em ambas as produções escolhidas para este estudo, comentando acerca das disparidades causadas pela desigualdade de gênero na nossa sociedade) e é importante também para o entendimento dos homens sobre a luta por equidade. Compreensão esta que encontra suporte nas produções de bell hooks⁵, conforme a autora, é uma falha o feminismo ser entendido majoritariamente somente dentro de academias – que nem sempre discutem gênero –, e, devido a isso, hooks escreveu um livro que fosse acessível e introdutório ao tema (“O feminismo é para todo mundo”).

Ao ouvir todas as reclamações sobre a teoria feminista ser “muito acadêmica” ou “muito cheia de palavras que a galera não entende”, senti que, de alguma forma, o movimento tinha falhado, já que não conseguimos esclarecer para todo mundo as políticas feministas. Muitas vezes disse que precisávamos ir de porta em porta para compartilhar o pensamento feminista (isso nunca aconteceu). Então me ocorreu que eu deveria

⁵ Respeitando as normas ABNT, nas citações recuadas, no início de frases e nas referências, bell hooks será escrito com as iniciais em maiúsculo. Nas demais partes do texto, o nome da autora será escrito em minúsculo, conforme a própria bell hooks preferia. “Apesar de mundialmente reconhecida como bell hooks, a autora se chamava Glória Watchkins. A adoção do nome foi na verdade uma homenagem a sua bisavó que se chamava Bell Blair Hooks e era uma mulher indígena. Além disso, a autora escrevia seu nome com letras minúsculas, porque para ela o mais importante em seus livros era a substância e não quem ela era. Para ela, nomes, títulos, nada disso tem tanto valor quanto as ideias” – disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/12/15/morre-bell-hooks-escritora-e-um-dos-maiores-nomes-do-feminismo-negro>

escrever um livro fácil de ler que explicasse o pensamento feminista e incentivasse as pessoas a adotar políticas feministas. (HOOKS, 2018, p. 9).

Assim como Solnit, gosto de escrever utilizando características literárias que não correspondem ao jornalismo tradicional para o qual a objetividade é primordial. Além de que, assim como ela, eu sou branca e uma das minhas críticas, lendo suas produções, é a reprodução do feminismo branco, liberal e utópico de mulheres que, por vezes, não veem determinadas situações sem se desprenderem do privilégio. Ser branca é um privilégio tanto no Brasil, de onde eu sou, quanto nos Estados Unidos, que é de onde Solnit é. Além do mais, Solnit é jornalista, e eu estou concluindo a graduação em Jornalismo, sendo, desta forma, outro ponto de identificação. Então, as minhas semelhanças e as minhas diferenças com a jornalista e escritora Rebecca Solnit fizeram dela, e mais especificamente de suas produções, o tema central do meu estudo.

Em relação aos livros escolhidos (“Recordações da minha inexistência” e “De quem é esta história? – Feminismos para os tempos atuais”), as duas obras foram escolhidas levando em consideração que RDMI foi o primeiro livro da autora que eu tive acesso, e que embora não seja identificado como biográfico, narra a história de Rebecca Solnit até 2020. Durante a leitura do livro, tive a expectativa de encontrar, em algum momento da leitura, uma parte que comentasse sobre a segregação do feminismo, sobre os problemas relacionados à falta de unidade do feminismo, mas em nenhum momento isso ocorreu. Por conta disso, busquei ler outro de seus livros que trazia “feminismos” no título, contudo, embora no início da obra a autora fale bastante sobre mudanças e atualizações, não há nada escrito, novamente, sobre a pluralização do feminismo em feminismos e em como essa falta de unidade é um problema.

Rebecca Solnit escreveu sobre diversos artistas, tanto na época que trabalhou no museu e na revista, quanto nos anos subsequentes. Inclusive, em 2003, publicou nos Estados Unidos o livro *River of shadow – Eadweard Muybridge and the Technological Wild West* (“Rio de Sombras: Eadweard Muybridge e o Faroeste Tecnológico”), sobre o fotógrafo inglês Muybridge. A partir desse livro – mesmo que nele não se falasse sobre feminismo – Rebecca Solnit recebeu maior destaque enquanto feminista, não pelo que ela escreveu, mas por uma situação envolvendo o livro. Alguns anos depois, Solnit escreve o ensaio “Os homens

explicam tudo para mim”, no qual a autora explica o incidente ocorrido um pouco depois da publicação do livro sobre Muybridge.

Numa festa, ela foi interrompida por um homem que tentou explicar para ela sobre o seu próprio livro. O homem, que era o dono da casa na qual a festa estava ocorrendo, questionou a autora sobre o que ela escrevia; Solnit comentou sobre o seu livro mais recente, contudo, assim que a autora mencionou “Muybridge”, o homem a interrompeu para questionar se ela já havia lido o mais novo livro sobre o fotógrafo. E o homem seguiu comentando sobre o livro – que ele não havia lido a obra em si, apenas lido uma crítica jornalística sobre ele. Foi necessário que alguém o interrompesse e lhe dissesse que o livro era de Rebecca Solnit até que o homem se calasse. Ele saberia da informação se a tivesse escutado antes de interrompê-la. O ensaio sobre o ocorrido foi publicado na internet e viralizou, recebendo muitos acessos ao longo dos anos. Um comentarista do site *LiveJournal*, após ler o ensaio, cunhou o termo feminista *mansplanning*, que é quando homens explicam para mulheres coisas que elas já sabem, simplesmente por acreditarem que sabem mais do que elas. A palavra é geralmente creditada à Solnit, porém não foi criada por ela, mas através da história dela. A partir desse termo, outros surgiram, como *whitesplanning* (as explicações condescendentes das pessoas brancas).

Desde que Solnit publicou o ensaio, recebeu diversos relatos de mulheres advogadas, cientistas, médicas, acadêmicas de diversas áreas, mestres de obras e mulheres de tantas outras profissões que escreveram à Solnit sobre as experiências semelhantes à dela, ou seja, de ter que ouvir explicações sobre o campo de atuação, por homens que achavam que sabiam mais do que elas. Em 2014, reunindo este ensaio e outros, Rebecca Solnit publicou o livro homônimo ao ensaio, sendo, conforme a autora, o seu livro de maior alcance. Desde então, Solnit tem escrito sobre feminismo, contudo, a autora não escreve apenas sobre feminismo.

Rebecca Solnit também é historiadora. Em 1991 publicou o seu primeiro livro: *Secret Exhibition: Six California Artists of the Cold War Era* (“Seis artistas californianos da era da Guerra Fria”), no mesmo ano, Solnit saiu pelo Oeste dos Estados Unidos para escrever seu segundo livro, discorrendo sobre os mitos, guerras e maravilhas do Oeste norte-americano, resultando no livro *Savage Dreams: A Journey into the Hidden Wars of the American West* (“Sonhos selvagens: Uma viagem às guerras ocultas do Oeste norte-americano”). Na obra, Rebecca Solnit escreve sobre como a atrocidade é permitida quando não recebe visibilidade.

O conteúdo inclui assuntos como a Área de Testes Nucleares de Nevada e o descaso com o povo indígena que vive no Parque Nacional de Yosemite. “(...) Meu argumento era que as guerras do futuro e do passado estavam se sobrepondo no presente e não estavam sendo reconhecidas, de modo geral, devido à maneira como pensamos a guerra, o Oeste norte americano, a natureza, a cultura e os povos nativos” (RDMI, p. 174).

Em seus livros e textos em geral, Solnit também é uma crítica política. Tanto em RDMI quanto em DQEH, Solnit critica Donald Trump, por ele reproduzir discursos machistas e segregadores. Dessa forma, a trajetória de Solnit é marcada pelo feminismo, história, ativismo e jornalismo.

Somos uma mistura de coisas, um compilado de discursos, afinal, o que dizemos, conforme Orlandi (2005), é sempre atravessado pelo já-dito anteriormente (e esquecido), então, somos o resultado de diferentes discursos mas também de diferentes particularidades. Através dos diferentes interesses de Rebecca Solnit, compreendemos os diferentes marcadores sociais que a compõem, a forte questão do ativismo em relação aos povos originários, a questão política que ela relaciona com o discurso republicado, criticando-o, trazendo em suas obras o Trump como exemplo (do que ela desgosta na política), que possui um discurso menos direcionado às questões sociais que são bandeiras que ela levanta. Inclusive, esse é outro ponto de identificação entre mim e ela, defendo e me interesso por movimentos sociais, Solnit é ativista pelos direitos LGBTQIA+ e a todo tempo reforça isso nas obras discutidas nesta pesquisa; além de eu ser militante do movimento LGBT, eu faço parte dele e politicamente me identifico com partidos de esquerda voltados à defesa dos nossos direitos. Então, a interseccionalidade de Solnit se assemelha à minha e serve como modelo de como somos atravessados por diferentes discursividades, interesses e lutas; não somos uma coisa só.

Responder à questão “Como a jornalista e escritora Rebecca Solnit narra a questão do feminismo e responde ao silenciamento histórico de mulheres?” é compreender a história do feminismo pela ótica de Solnit, o que suscita duas leituras: a compreensão de que o feminismo é importante para que as mulheres consigam ascender – nos mais variados aspectos da vida, seja dentro de um relacionamento, seja num ambiente familiar, profissional etc. – por demonstrar que o problema, conforme Solnit escreve, “não está em você, mas no patriarcado”, sendo assim, um problema da estrutura da sociedade, mas, também, através da leitura dos

conteúdos acessados de Solnit é possível identificar que por ela ser uma feminista branca, assim como eu também sou, Rebecca Solnit reproduz, por vezes, coisas que são criticáveis no feminismo branco, o qual coloca o feminismo como totalmente positivo e unido – porque ele é pensado, de forma geral, para mulheres cisgênero e brancas. Dessa forma, através de leituras sobre os feminismos é possível criticar a visão parcial de Solnit, que enfatiza a singularidade do feminismo – quando ele precisa ser entendido no plural –, o qual segrega a luta que, em tese, deveria ser coletiva. No livro DQEH, o termo feminismo é pluralizado na tradução do título, mas dentro da obra não há o fomento a essa discussão, dessa forma, o feminismo não é problematizado, sendo tratado como uma ferramenta que beneficia a todas as mulheres, quando há feminismos exatamente porque não é um movimento em conformidade com todas as formas de ser mulher. Afinal, surge para apoiar mulheres em geral, mas não ocorreu desta forma, sendo motivo, inclusive, para críticas das mulheres que não se sentiram incluídas, é o que reforça Carla Cristina Garcia:

Se nos anos 1970 as feministas haviam reagido contra a razão patriarcal, agora as primeiras a denunciar que o gênero havia se convertido em uma nova totalização excludente foram as marginalizadas dos relatos feministas: as mulheres negras e as lésbicas que encontravam sua história e sua cultura ignorada. O termo “mulher” usado no discurso feminista dos anos 70 com frequência se referia a experiências da mulheres ocidentais, brancas, burguesas e heterossexuais como se fossem uma totalidade, ao que Spillers denominou uma “metonímia mortal” que relegava ao silêncio a experiência individual e coletiva de mulheres. (GARCIA, 2011, p. 45).

Dessa forma, o movimento teve falhas e por conta disso, visualizá-lo com suporte a todas as mulheres é desconsiderar as brechas que permitiram a segregação a ponto de mulheres criarem vertentes para se sentirem incluídas.

Através deste trabalho, se objetivou compreender como o feminismo contribuiu para que Rebecca Solnit respondesse ao silenciamento histórico de mulheres, em especial, sendo ela uma jornalista. Ainda através desta pesquisa foi possível identificar outros impasses da questão feminista, tais como evidenciar a contradição do discurso feminista a partir da análise textual e discursiva do conteúdo de livros de uma mulher que é referência no feminismo contemporâneo, além de colocar o feminismo em uma posição passível de crítica, uma vez que ao complexificá-lo (na academia), ele se torna de difícil compreensão para as mulheres que mais precisam compreendê-lo, como donas de casa, mulheres iletradas etc. Por

meio deste trabalho, também se identificou o papel dos meios de comunicação na propagação do feminismo, este conseguindo ser tanto um promotor de estigmatização quanto um aliado às pautas feministas.

Utilizo o método biográfico, com a análise discursiva dos livros RDMI e DQEH, que trabalham a vida da jornalista Rebecca Solnit, e também a forma como ela enxerga, critica e evidencia questões que são caras ao feminismo – trazendo, em seus livros, frequentemente, exemplos de feminicídio e de silenciamentos impostos às mulheres – é possível compreendê-la enquanto uma mulher que atua dentro do feminismo, mas que não reflete completamente sobre o que é intrínseco ao feminismo, que são as vertentes e as correntes que o tornam segregado. Para embasar minha pesquisa, utilizarei bibliografia sobre Feminismo, Jornalismo e Análise de Discurso (AD). Na pesquisa, será utilizado o método biográfico e bibliográfico, além da teoria e da metodologia de AD. Cumpre ainda dizer que durante minha participação no Grupo de Pesquisa Diálogos do Pampa, durante a graduação, pude encontrar subsídios não só para a formulação desse meu problema de pesquisa, como também para acreditar num trabalho com o resultado como aqui acredito ter alcançado.

2. OS FEMINISMOS E O DISCURSO DE UNIDADE

“Nós precisamos das palavras, mas é melhor utilizá-las sabendo que são recipientes sempre despejando seu conteúdo para fora, quebrando e se abrindo. Alguma coisa está sempre mais além.”

Rebecca Solnit (2021, p. 14)

Para responder à pergunta central desta pesquisa “Como a jornalista e escritora Rebecca Solnit narra a questão do feminismo e responde ao silenciamento histórico de mulheres?” Trabalhamos com noções de Jornalismo, de Teorias do Discurso e Teorias do Feminismo.

Embora tenha se formado em Jornalismo e tenha sido crítica de arte, por meio do Jornalismo, por vários anos, Rebecca Solnit, em seu livro RDMI, explica que a profissão a limitava, por conta disso, se aproximou de uma escrita literária. “A crítica e o jornalismo pareciam formas subordinadas da escrita nos quais estamos sempre a serviço de um tema e trabalhando dentro de regras limitadoras. Ser vista como escritora me deixou livre para sentir que tudo era possível e tudo estava disponível” (RDMI, p. 151). No jornalismo tradicional é cobrada uma posição de imparcialidade e objetividade que não condiz com a postura de Rebecca Solnit, que trabalha levando em consideração as próprias subjetividades, criticando aquilo que desgosta (como posicionamentos políticos, por exemplo) e discorrendo sobre as experiências enquanto feminista, incluindo em suas produções, consequências dessas subjetividades, o que a motivou para se tornar uma escritora de não ficção, porque no espaço da literatura, o que é escrito não perpassa pelas regras de objetividade e imparcialidade, comuns aos jornalismo.

Contudo, fora da teoria, a objetividade e a imparcialidade são menos concretas, tanto que dentro da academia é reforçado, o tempo todo, que a imparcialidade é um mito, o que contradiz ao discurso jornalístico que sempre foi colocado como imparcial e objetivo, supondo haver uma relação de proporcionalidade entre esses dois. Inclusive, grandes empresas de jornalismo utilizam, ainda hoje em dia, do conceito de “imparcialidade” para enfatizar a

credibilidade do veículo.⁶ Conforme Sylvia Moretzsohn (2010), é exatamente por se mostrar como aquilo que não o é, que o jornalismo se legitima enquanto autoridade, se colocando como um mediador “neutro”, e, através disso, “garante foros de ‘verdade’ aos fatos que divulga – e que supostamente ‘falam por si’ –, elidindo as mediações discursivas (portanto, ideológicas) que dão a esses fatos o status de notícia” (MORETZSOHN, 2010, p.3).

Entretanto, a subjetividade é natural para Moretzsohn, (e para boa parte de novas proposições teóricas no campo) que pensa o jornalismo como uma atividade que produz um discurso “sobre” a realidade, a partir da subjetividade, inclusive, alterando o acontecimento (que vai ser transformado em notícia), deixando-o mais atraente para o interesse do receptor. Mas não é porque a subjetividade é natural – e inevitável – que o conteúdo desenvolvido pelo jornalista deve evitar a busca pela objetividade, explica a autora. Dessa forma, é necessário equilibrar a objetividade com a subjetividade no fazer jornalístico. É o que reforça Moretzsohn:

Quando se fala em objetividade, tem-se em mente apenas o texto, ignorando-se não apenas o processo de seleção das informações ali contidas, mas o fato de que um jornal é um conjunto de elementos verbais e não-verbais que interagem para a produção de sentido. Assim, nada se diz sobre a “objetividade” de fotos e ilustrações, muito menos da edição. Ressalte-se que essas observações dizem respeito apenas ao jornalismo impresso, pois quando se considera o noticiário de rádio e TV é inevitável levar em conta os recursos e efeitos sonoros, a entonação de repórteres e locutores e, no caso da televisão, também gestos e expressão facial. (MORETZSOHN, 2010, p.3).

Então, mesmo existindo diversas situações nas quais o jornalista faz escolhas e, por consequência, insere nelas a sua personalidade, ainda precisa fazê-las de forma regrada, seguindo normas da ética jornalística (responsabilidade, isenção, compromisso com a verdade, etc.), encontradas nos códigos de ética dos jornalistas, destacados em livros⁷ ou disponíveis na internet, como o Código de ética dos jornalistas brasileiros aprovado em 2007⁸, na cidade de Vitória, no Espírito Santo. No manual, a busca pela verdade é enfatizada, embora seja possível também problematizar, conforme Moraes (2011), a relação entre verdade e técnicas usadas para “repassar” essa verdade, através do texto jornalístico objetivo. Érika

⁶ [CNN Brasil lança nova campanha e novo slogan | JORNAL DA CNN - YouTube](#)

⁷ Ver mais em TÓFOLI, L. **Ética no Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

⁸ Disponível em: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf. Acesso em 03/08/2022 às 20:22

Moraes (2011) aponta essa possibilidade já em um dos primeiros artigos do código de ética nacional dos jornalistas brasileiros.

No parágrafo II do artigo 2º, diz-se que “a produção e a divulgação da informação devem se pautar pela veracidade dos fatos e ter por finalidade o interesse público”. Ou seja, postula-se o compromisso do jornalista com a “veracidade dos fatos” (ainda que a noção de veracidade implique uma discussão filosófica em torno do conceito de “verdade”), bem como o objetivo de informar o que é de “interesse público”. Sabe-se, então, que esses objetivos são mais do que metas a perseguir: trata-se de princípio máximo da ética da profissão, embora nem sempre cumpridos (considerem-se os casos em que há manipulação de fatos e a ética jornalística é ferida). Com base no pressuposto de que o jornalista tem o compromisso com a “veracidade dos fatos”, a técnica de redação jornalística (seja para jornalismo impresso, televisado, radiofônico e, mais recentemente, digital) sempre teve em vista o ideal de uma linguagem “simples, clara, objetiva, direta”. (MORAES, 2011, p. 1316).

Assim, a busca pela verdade é feita em conjunto com o uso da objetividade, refletida na linguagem, para que ela seja o mais fiel à realidade (conforme o que é possível na reprodução escrita ou falada de um acontecimento), ainda que o fato não seja um reflexo completo da realidade, como a Teoria do Espelho descreve, pois até mesmo o ato de observar já interfere no objeto. De acordo com Rocha, a partir de Resende, a informação, enquanto reprodução, não é plena. “Ao olhar para a narrativa como forma ampla de representação do mundo, o autor [Resende] demonstra como as limitações técnicas podem conformar o fazer jornalístico em um lugar-comum, cômodo, que se restringe ao processual e perde o sentido real da informação” (ROCHA, 2022, p. 150). Ainda de acordo com Rocha, quando uma produção jornalística é desenvolvida com sensibilidade, além da técnica, ela colabora com a significação do mundo (Idem, p. 151).

Outros autores, como Abramo e Corrêa (apud MORAES, 2011), problematizam que os manuais de redação jornalística podem passar a falsa impressão de que o jornalista, seguindo as regras impostas nos manuais, consegue se tornar um profissional neutro e imparcial, mas que o próprio ato de narrar um acontecimento já inclui marcas do narrador, que extrai partes da informação e as reproduz num texto composto de escolhas de quem o enuncia.

Em relação à prática jornalística regrada, em RDMI, a escritora Rebecca Solnit destaca que já dentro da academia, evidenciava que não atuaria de forma convencional no jornalismo, trabalhando com os princípios da imparcialidade e objetividade, postos como tão primordiais.

Na escola de jornalismo aprendi a escrever relatos diretos e lineares, apesar de que meu primeiro professor ficava aborrecido com minha incapacidade de escrever aqueles textos monótonos que ali passavam por objetividade jornalística, algo que já naquela época eu via como uma voz masculina. Eu conseguia me abster de dar opiniões, me esforçando muito, mas não de usar adjetivos. (RDMI, 2021, p. 138).

Mesmo sendo jornalista e podendo utilizar recursos literários em determinados casos, porque o *New Journalism* surgiu nos anos 60 (quase vinte anos antes de Solnit entrar na graduação), sendo então uma possibilidade de se afastar da escrita monótona de textos objetivos e regrados do jornalismo, a autora problematizava o jornalismo da instituição de ensino, o qual prezava pela ausência de subjetividade. Contudo, Solnit já indicava que a opinião seria uma característica comum em sua forma de atuação, tanto que se tornou crítica de arte e é famosa exatamente pelas crônicas/colunas que escreve, inclusive, atualmente, é colunista do jornal independente *The Guardian*, o que confronta o seu discurso de não conseguir trabalhar no jornalismo e por isso ter migrado para a escrita de não ficção, quando segue trabalhando para jornais enquanto uma jornalista opinativa.

Existe tanta opinião no jornalismo, que em todas as etapas de produção da notícia, ela está presente, mesmo que sutilmente, pois aparece na escolha da pauta, que é um recorte de um assunto já selecionado, a escolha das fontes, o texto, o enquadramento da imagem, a edição e a finalização, todos dependem de escolhas que refletem, mesmo que minimamente, uma posição de parcialidade. Porque o autor, mesmo tentando ser o mais objetivo possível, acaba inserindo particularidades dele na produção, por preferências que nem sempre ficam evidentes, para o autor, no próprio ato de seleção. Conforme Rocha (2021), a inserção dessa subjetividade é, inclusive, positiva, porque amplia a percepção do leitor sobre o mundo, favorecendo a relação de troca entre o jornalista e o leitor. Rocha, assim como Solnit, sente incômodo com o modelo positivista da notícia, que preza pela objetividade e a norma mais regrada da produção jornalística. Para isso, o autor conceitua o Jornalismo Sensível (2020) como “uma alternativa à mentalidade moldada no positivismo, verificando potencialidades diversificadas a partir dos afetos, buscando ainda indícios que permitam entender se é possível estimular o receptor para uma visão mais complexa da realidade e a contestar “fatos” que parecem dados” (ROCHA, 2021, p. 89). Entendendo o jornalismo como além de um produto mercadológico, Rocha propõe um olhar menos simplista ao jornalismo, podendo expandir ao intelecto e ao emocional do leitor.

Tornar-se transformador e efetivo, de estímulo reflexivo e social. Ser também sedutor e envolvente, reconhecível como uma experiência estética criada por e para sujeitos criativos, conscientes e críticos. Assim se propõe o JS. Ao aceitar a produção informativa de modo não-binário e entendendo que o sensível também informa, pode-se pensar em produzir textos mais atraentes e imersivos. Esse caminho passa pela amigabilidade estética e pela elevação do jornalismo a aspectos da arte, o que, se pensarmos a partir da socióloga Agnes Heller (2012), indicaria a sua capacidade de induzir uma suspensão do que é naturalizado no cotidiano. (ROCHA, 2021, p. 91).

O Jornalismo Sensível (JS) destaca que a escolha de palavras, que é uma questão subjetiva, resulta em diferentes afetos. Conforme o exemplo trazido pelo autor (2021), de cunho político, houve diferentes propostas de afeto ao enunciar a prisão do ex-presidente Luiz Inácio da Silva (Lula), em 2018, pelos diferentes veículos que comunicaram o acontecimento.

Enquanto um jornal retratava Lula como fugitivo, o outro veículo colocava Lula como quem se entregava à prisão. “Nas primeiras linhas de O Globo e O Jornal do Brasil: O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi preso ontem, depois de se entrincheirar por quase 26 horas após o prazo final dado pelo juiz Sérgio Moro para que se entregasse’ (ROCHA, 2021, p. 92). Já no outro jornal, a mesma notícia era dada, mas com escolha de palavras diferentes:

“O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva se entregou à Polícia Federal em São Paulo, no início da noite de ontem. Fez exame de corpo de delito e seguiu de helicóptero para o aeroporto de Congonhas”. Ambos privilegiam a informação rápida e objetiva, porém a presença de uma subjetividade editorial na hierarquização dos fatos e na escolha de palavras fica clara, sobretudo nas ações destacadas. (ROCHA, 2021, p. 92).

Assim, a subjetividade não está apenas no sujeito jornalista, como na proposta do veículo, que também molda o discurso do jornalista, sendo, desta forma, um produto longe de ser objetivo e imparcial. Afinal, dentro da lógica organizacional, existe uma hierarquia na qual a empresa determina o que é acontecimento e o que não é. Conforme Warren Breed (apud VIZEU, 2019, p. 6), teórico que desenvolveu a Teoria Organizacional, o jornalismo é um produto da imposição da organização empresarial do veículo de comunicação.

Sobre a opinião jornalística, dentro desse campo, apesar de ainda haver regras jornalísticas, a opinião é central, podendo no Brasil ser escrita como editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura ou carta, conforme Marques de Melo (2003). Nos Estados Unidos, a categorização é um pouco diferente. Na

prática, a divisão é simples, ou as pautas são *stories* ou *comments*, há, dessa forma, uma separação do que é notícia e do que é opinião. Conforme Fraser Bond (apud MELO, 2003, p. 46), as subdivisões da opinião no jornalismo norte-americano são editorial, caricatura, coluna e crítica.

Rebecca Solnit se encaixa, então, na divisão *comments* do jornalismo dos Estados Unidos. No livro DQEH, a autora reúne diversas crônicas, cheias de opiniões, sem deixar de ser informativo. O livro RDMI embora diferente, com características mais autobiográficas, trabalhando a vida pessoal da autora, enquanto faz relações com notícias de feminicídio, ataques aos povos originários dos Estados Unidos (como o povo Yosemite, presentes no livro *Savage Dreams: A Journey into the Hidden Wars of the American West*, que sofre com a falta de políticas de fomento à representatividade dos povos, que não têm tantos espaços delimitados como marcos históricos e de preservação), situações perpassadas por pessoas próximas de Solnit também se relacionam com outros textos opinativos além da crônica, como a crítica.

Então, mesmo dentro do jornalismo, a autora consegue atuar na profissão, inserindo nas produções suas opiniões. Inclusive, na própria tese da pós-graduação, Solnit escolhe um tema que foge da normatividade do jornalismo, da relação com a notícia: “Escolhi Berman como tema da minha tese, embora não fosse convencional uma estudante de jornalismo focar em algo tão distante das notícias e do mundo delas” (RDMI). A mesma dúvida me ocorreu, escrever, como Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo, um estudo sobre feminismo, tendo como objeto de pesquisa dois livros sobre feminismo de uma escritora estadunidense, que embora tenha se formado em jornalismo, faz críticas ao modelo tradicional – o qual faz com que Solnit não se enxergue completamente na profissão –, pode parecer que não corresponde ao que é esperado de um trabalho em jornalismo, o que me deixou em dúvida sobre a minha escolha, porém, as minhas incertezas em relação a isso foram dirimidas pelo meu orientador, que me encorajou a seguir produzindo o estudo, uma vez que é possível. E este trabalho – assim como outros já feitos, afinal, não somos origem de nada – comprova que é possível teorizar sobre jornalismo, mesmo conceituando sobre feminismo, através da teoria e da produção de uma escritora e jornalista estadunidense.

Embora tenha fugido da normatividade (em relação ao objeto) do jornalismo, em sua tese, Solnit, para desenvolver a produção, atuou como uma jornalista,

entrevistando fontes e procurando documentos para criar, a partir disso, quem foi Berman. Então, de certa forma, há uma contradição no discurso da autora em relação a ser jornalista e escritora, porque ela consegue ter liberdade na escrita dependendo do veículo de comunicação ao qual está vinculada e do tipo de produção que desenvolve, sendo o gênero opinativo o que pratica, majoritariamente, desde o início de sua carreira.

Dessa forma, as noções de “jornalismo opinativo” são centrais para a compreensão do objeto desta pesquisa, para isso, utilizou-se José Marques de Melo (2003), que, inclusive, assim como Rebecca Solnit, se recusa a aceitar a ideia de “objetividade” jornalística que indica neutralidade, imparcialidade e assepsia política como as fábricas de notícias norte-americanas quiseram impor ao mundo todo. Dentro das produções de Solnit, além da opinião, há a literatura não ficcional. Em função disso, nesta pesquisa, está sendo trabalhado o jornalismo literário, por meio de Felipe Pena (2008). O autor entende que o jornalismo literário é desenvolvido com base na “estrela de sete pontas”, atendendo aos sete critérios elencados por ele.

A primeira ponta da estrela de sete pontas é a potencialização dos próprios recursos do jornalismo. Isto é, o jornalista desenvolve as matérias de tal maneira que acabe constituindo novas estratégias profissionais, sem desconsiderar os velhos princípios da redação, que continuam importantes, como a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, etc. (Pena, 2008). A segunda ponta é sobre ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano, ou seja, o jornalista não pode se prender somente à periodicidade e à atualidade, se preocupando somente com a novidade. A terceira ponta é sobre proporcionar uma visão ampla da realidade, embora ela não abarque toda a realidade, porque toda matéria é um recorte, por isso, é importante sempre buscar contextualizar a informação de forma mais abrangente possível, o que exige um longo espaço. Para isso, o jornalista tem que mastigar as informações e relacioná-las com outros fatos, comparando diferentes abordagens.

A quarta ponta tem relação com a cidadania. Quando o jornalista escolhe um tema, ele tem que pensar de que forma a abordagem pode contribuir para a formação do cidadão, para o bem comum da sociedade. Entendendo que o jornalismo tem um papel social e causa impacto. A quinta característica para Felipe

Pena (idem) é o rompimento com o lead, porque o formato de notícia do lead restringe o desenvolvimento de uma matéria que usa o jornalismo literário.

A sexta ponta diz respeito a evitar os definidores primários, que são os famosos e frequentes entrevistados, convencionais em qualquer reportagem. Sujeitos que ocupam posições públicas e que já são conhecidos por falarem sobre o mesmo assunto. É importante trazer fontes que falem de outras perspectivas.

A última ponta da estrela é a perenidade. Uma obra baseada nos preceitos do jornalismo literário não é feita para ser esquecida: é uma obra, é uma grande reportagem, é um livro literário e jornalístico. “Um bom livro permanece por gerações influenciando o imaginário coletivo individual em diferentes contextos históricos. Para isso, é preciso fazer uma boa construção sistêmica do enredo, levando em conta que a realidade é multifacetada, fruto de infinitas relações, articulada em teias de complexidade e indeterminação” (Ibidem p, 15).

E, conforme ainda o autor, considerar essas sete pontas da estrela não torna a produção menos jornalística.

O jornalista literário não ignora o que aprendeu no jornalismo diário. Nem joga suas técnicas narrativas no lixo. O que ele faz é desenvolvê-las de tal maneira que acaba constituindo novas estratégias profissionais. Mas os velhos e bons princípios da redação continuam extremamente importantes, como, por exemplo, a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre outras coisas. (PENA, 2008, p. 14).

Então, o jornalismo literário é uma forma de fugir do jornalismo viciado em lead, em rotina, em texto seguindo um modelo pronto. Claro que pela quantidade de teóricos do campo, esse não é um posicionamento consensual dentro da profissão, tanto o jornalismo literário ser uma alternativa como fuga, quanto em relação ao lead e a pirâmide invertida serem as técnicas mais adequadas para escrever uma notícia. Essa última é objeto de discussão desde que se estuda o webjornalismo, já que esse modelo de pirâmide invertida é uma transposição do modelo utilizado para o jornalismo impresso, que levava em consideração fatores como o suporte – o jornal impresso – que tem o espaço limitado para a exposição de notícias, assim como considera o leitor, que já espera notícias menores no jornal impresso.

Canavilhas (2006) problematiza utilizarmos no webjornalismo, ainda nos dias de hoje, um modelo pensado para outro meio (impresso). Conforme pesquisas do autor, a pirâmide invertida nasceu durante a Guerra de Secessão, nos Estados

Unidos. Como o sistema de telégrafos, por vezes, estava inoperante, os profissionais do Jornalismo faziam uma fila para utilizar o dispositivo e cada um, de início, passava um parágrafo por vez, através do telégrafo, para a redação, assim eram repassadas, por primeiro, as informações mais importantes, pois caso os telégrafos parassem de funcionar, o lead, as informações principais, já haviam sido repassadas. Hoje, não existe mais esse problema, por isso há questionamentos em relação ao uso de um modelo que é limitado. Canavilhas (2006), inclusive, propõe que deitemos a pirâmide, fazendo, a partir de uma notícia, um bloco de hiperlinks com acesso a outras partes da informação, na qual o leitor seleciona sobre qual parte quer saber mais informações. Então, por diferentes razões, o modelo utilizado no jornalismo objetivo é criticado.

Sobre o uso do jornalismo literário, conforme Pena (2008), não se trata apenas de inovar em relação à monotonia da produção jornalística robotizada, mas é ir além do básico do jornalismo.

Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. (PENA, 2008, p.13).

Até porque, assim, entregamos ao leitor um conteúdo muito mais completo e mais interessante, em vez de fazer o que os outros veículos já fazem, trazendo mais do mesmo.

Além de trabalhar o jornalismo literário com Felipe Pena (op.cit.), buscamos dar ênfase no subgênero biografia, colocado por ele como uma mistura de jornalismo, literatura e história. Isso porque o livro RDMI é bastante semelhante a uma autobiografia, dessa forma, a analisei como tal, sendo desenvolvida através da relação de tempo e memória, com uma contagem cronológica de acontecimentos e tendo um personagem principal, a jornalista e escritora Rebecca Solnit.

Cabe, inclusive, a reflexão sobre as biografias e autobiografias terem proximidade com um gênero jornalístico, embora na discussão de gêneros jornalísticos no Brasil não haja essa inclusão. Contudo, Pena (2008) visualiza a biografia como um subgênero do Jornalismo Literário e informa que a maioria das biografias, inclusive, são escritas por jornalistas, mas, o autor enxerga nessa situação um problema, porque o jornalista vai utilizar das técnicas jornalísticas que

prezam por um coerência de cronologia, de objetividade, de veracidade que não é literária e isso limita o resultado. “Não acredito que seja possível ignorar que os atuais espaços de produção, circulação e recepção desses textos estejam inseridos numa teia de conexões permeada por conceitos como indeterminação, caos, complementaridade e tolerância às ambiguidades” (PENA, 2008, 71). De acordo com o teórico, escrever usando o positivismo jornalístico restringe a história de vida que é complexa.

Em relação ao conteúdo do livro DQEH, ele reúne diferentes crônicas e colunas sobre assuntos que não são apenas relacionados ao feminismo, como também ao ativismo social e voltado às questões dos povos originários que Solnit também escreve a respeito. Os temas são discutidos com escrita literária, por essa razão, à análise são cabíveis as noções de Jornalismo Literário⁹.

Com a Análise de Discurso (AD) compreendemos a opacidade de sentidos já que nada na linguagem é inocente e por meio da AD é possível compreender como um texto significa (não interpretá-lo no que ele diz), alcançando assim a construção de sentidos que são seus efeitos; não é sobre o que o texto diz, mas como diz e como produz efeitos. E como o sujeito não existe sem linguagem, buscamos responder à questão principal desta pesquisa através também da AD, identificando não somente como a jornalista e escritora Rebecca Solnit responde a questão do silenciamento histórico de mulheres, como também de que forma ela é atravessada pelo feminismo e o reproduz nas suas produções. Em relação a isso, a autora trata o feminismo no singular, não discorrendo sobre as segmentações de um movimento, que é contemporaneamente compreendido, como segregado e plural, sendo tratado enquanto **feminismos**. Nesse sentido, também é cabível a discussão sobre a cisão do feminismo e de como a escolha de determinadas palavras, como feminismo em vez de feminismos, também designa um posicionamento, por exemplo, de visualizar (através do lugar de Solnit) o feminismo como uma unidade bem estruturada, quando a divisão em feminismos demonstra a fragilidade dessa unidade.

Não há dúvida, a fragmentação no interior do feminismo e a oposição paradoxal ao feminismo — por parte de “mulheres” que o feminismo afirma

⁹ Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) não objetiva se aprofundar na questão relativa aos limites e as fronteiras entre os gêneros jornalísticos e os gêneros da Literatura, devido aos muitos debates que já têm sido gerados com esta temática.

representar — sugerem os limites necessários da política da identidade. A sugestão de que o feminismo pode buscar representação mais ampla para um sujeito que ele próprio constrói gera a consequência irônica de que os objetivos feministas correm o risco de fracassar, justamente em função de sua recusa a levar em conta os poderes constitutivos de suas próprias reivindicações representacionais. Fazer apelos à categoria das mulheres, em nome de propósitos meramente “estratégicos”, não resolve nada, pois as estratégias sempre têm significados que extrapolam os propósitos a que se destinam. Nesse caso, a própria exclusão pode restringir como tal um significado intencional, mas que tem consequências. Por sua conformação às exigências da política representacional de que o feminismo articule um sujeito estável, o feminismo abre assim a guarda a acusações de deturpação cabal da representação. (BUTLER, 2018, s/p).

O que Solnit não discute é que a cisão do feminismo ocorreu dentro do movimento, que se restringiu a uma compreensão equivocada de “mulher”, sendo construído, em seu princípio, como já acenamos nesse texto, para um grupo específico de mulher (branca e de classe média), o que, naturalmente, não ofereceu suporte para as mulheres, no plural. Assim, a representação do feminismo (no singular) é falha e abriu espaço para que se criassem vertentes feministas que acolhessem outros tipos de mulheres. Se foi necessário ampliar o movimento por falta de representação, o discurso de representatividade e luta feminina fortalecida pelo feminismo está parcialmente de acordo com a realidade.

Ao longo do livro RDMI, Rebecca Solnit manifesta que se sentia feminista antes de escrever e pesquisar sobre feminismo, que, por ser mulher e agir conforme a formação discursiva feminista, já sofria as consequências de opressão pelo seu gênero, mas visualizava como inadequado e não se habituava à opressão, conseqüentemente, não cedendo a ela. Por conta disso, é importante a noção de interdiscurso, pois há um discurso antes do discurso de Solnit, ela é atravessada por algo anterior a ela, e o que pensava e escrevia sobre, também é atravessado pelo já-dito. É a questão da memória no discurso. Ainda, no empenho da análise, tomamos o conceito de Formação Discursiva (FD), sendo aquilo que, conforme a formação ideológica, é esperado que seja dito. Por conta da formação discursiva é possível antecipar o posicionamento de alguém.

O discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro. Por aí podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. (ORLANDI, 2005, p.36).

Acrescenta-se a tudo isso que Rebecca Solnit demonstra uma visão utópica do feminismo, mas isso está muito vinculado às condições de produção de seus

discursos. A quem ela é e a como ela é afetada pelas questões do machismo estrutural, como ter tido um pai machista (segundo informações em RDMI), uma mãe sem voz ativa (comum em relacionamentos que não são saudáveis), ter passado por situações inseguras em afazeres simples da vida cotidiana, como circular na rua, etc. Em decorrência dessa sua posição como sujeito é que as condições de produção também integram os conceitos estudados nesta pesquisa. Entre essas condições, há as formações imaginárias e as antecipações, conceituadas por Pêcheux (1997). O caso da relação de forças dentro das formações imaginárias é bastante pertinente para a pesquisa, levando em conta que significa que a posição da qual um sujeito fala o constitui. Nas sociedades na qual o machismo está presente enquanto estrutura, quando uma mulher fala é diferente de quando um homem fala. Mesmo que seja resultado de uma formação imaginária, tem impacto na sociedade.

Todos esses mecanismos de funcionamento do discurso repousam no que chamamos formações imaginárias. Assim, não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade, e que poderiam ser sociologicamente descritos, que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções. (ORLANDI, 2005, p. 33).

Em relação às antecipações, elas permitem que o enunciador experimente o lugar do ouvinte, assim, imaginando, prevendo como seu discurso será compreendido.

Esta antecipação do que o outro vai pensar parece constitutiva de qualquer discurso, através de variações que são definidas ao mesmo tempo pelo campo dos possíveis da patologia mental aplicada ao comportamento verbal e pelos modos de resposta que o funcionamento da instituição autoriza o ouvinte: a esse respeito, um sermão e uma conversa a bandeiras despregadas “funcionam” de modo diferente. Em certos casos, o ouvinte, ou o auditório, pode bloquear o discurso ou, ao contrário, apoiá-lo por meio de intervenções diretas ou indiretas, verbais ou não-verbais. (PÊCHEUX, 1997, p. 78).

Nesse aspecto, tenho a impressão que o discurso feminista é, atualmente, bloqueado assim que é enunciado, ocasionado pela própria fragilidade do feminismo enquanto unidade. Falar sobre feminismo, mesmo hoje em dia, é abrir espaço para críticas sobre a mulher na atualidade ainda discutir questões resultantes do machismo estrutural, como os salários ainda serem desiguais mesmo quando uma mulher e um homem trabalham na mesma função, legalização do aborto, liberdade para usar as roupas que a mulher quiser usar, etc. Pelo aumento significativo de

mulheres, nos últimos anos, discutirem o feminismo, ao invés de apenas conscientizar mais mulheres sobre os seus direitos e disseminar os deveres do homem, o feminismo colaborou para saturar a discussão em si. Essa situação tem relação com o lugar que a mulher ocupa na sociedade, como ela, naturalmente, é colocada em descrédito, ela necessita, frequentemente, comprovar que é merecedora de crédito, mas quando algo abala a credibilidade dessa mulher, simultaneamente, afeta todas as outras pela fragilidade latente da imagem feminina como credível.

Um exemplo é o caso recente da atriz Amber Heard. Ela denunciou o ex-marido, o ator Johnny Depp, por violência contra a mulher, levantando diversas acusações. No decorrer do processo, foi identificado que nem todas as acusações feitas tinham fundamento, embora outras tivessem. Assim que o veredito saiu, de que ambos foram condenados, mas Heard havia perdido mais alegações que Depp¹⁰, houve, na internet, uma forte comoção de apoio ao ator e de condenação à atriz, inclusive, ela sofreu ataques com discurso de violência contra a mulher, que buscavam fragilizar as denúncias de violência e feminicídio em geral (muitas críticas surgiram de mulheres, fãs do ator Johnny Depp). E esse discurso foi fortalecido porque beneficia homens e numa sociedade estruturalmente machista, o discurso de um homem tem mais impacto do que o de uma mulher, que está frequentemente numa posição de instabilidade em relação à credibilidade.

Garcia (2011) compreende que ao longo da história de tentativa de consolidação do feminismo, a fragilidade sempre esteve na materialidade do movimento.

O feminismo foi alvo de campanhas que fizeram com que a população de modo geral acreditasse que o feminismo era um inimigo a combater e não que segundo a época e a realidade cada país existiram e coexistiram muitos tipos de feminismo com um nexo comum: lutar pelo reconhecimento de direitos e oportunidades para que as mulheres, e com isso, pela igualdade de todos os seres humanos. (GARCIA, 2011, p.23).

O termo feminismo, de acordo com a autora, foi empregado nos Estados Unidos por volta de 1991 para substituir expressões utilizadas no século XIX como “movimento de mulheres” e “problemas das mulheres”.

¹⁰ Ver mais em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2022/06/01/johnny-depp-x-amber-heard-veja-cada-ponto-julgado-e-entenda-por-que-ator-ganhou-mais-que-atriz.ghtml>

O feminismo pode ser definido como a tomada de consciência das mulheres como coletivo humano, da opressão, da dominação e exploração de que foram e são objeto por parte do coletivo de homens no seio do patriarcado sob suas diferentes fases históricas, que as move em busca da liberdade de seu sexo e de todas as transformações da sociedade que sejam necessárias para este fim. Partindo desse princípio, o feminismo se articula como filosofia política e, ao mesmo tempo, como movimento social. (Idem p.25).

O movimento não existe no singular, o feminismo, embora normalmente seja escrito e dito no singular, é composto pela diversidade de mulheres, sendo, mais apropriado o termo “feminismos”. Como já dito anteriormente, foi um ponto da literatura (selecionada para este estudo) de Rebecca Solnit que me incomodou, o tratamento do feminismo, sempre, no singular, sem, em nenhum momento, trazer a discussão da pluralidade. O problema, para mim, não é a palavra em si sendo usada no singular, visto que normalmente é o que se emprega, mas Solnit não discutir nem problematizar essa divisão, comum na história do feminismo. Garcia (2011) destaca que “não existe apenas um tipo de feminismo, mas vários, pois são muitas as correntes de pensamentos que o compõem, isto porque uma das características que diferencia o feminismo de outras correntes de pensamento político é que está constituído pelo fazer e pensar de milhares de mulheres pelo mundo todo” (GARCIA, 2011, p.25). No Brasil, o movimento também se fragmentou. Inclusive, havia um receio, já no passado, de utilizar o termo feminista mesmo entre as profissionais de jornais feministas, que colaboraram para a disseminação dos ideais feministas no Brasil, através dos periódicos dedicados a isso. A estudiosa da violência de gênero, Heleieth Saffioti (apud TELES, 1999), em uma entrevista ao jornal Mulherio, responde sobre isso:

Na verdade, eu sempre relutei em me dizer feminista no Brasil. No passado, esse termo tinha uma carga ideológica muito grande e ainda apresenta uma carga razoável. Eu gosto de dizer: eu sou feminista mas o meu feminismo é este (...) porque eu tenho muito medo que tomem o meu feminismo através dessa adulteração que se fez do termo que interessa muito à ditadura, de entender que esta é uma luta das mulheres contra os homens, e eu não quero de maneira alguma ser interpretada dessa forma. Tenho muito respeito pelos homens. Acho que eles também são vítimas dessa sociedade, embora nós sejamos mais vítimas do que eles. (TELES, 1999, p. 88).

Esse é um problema, muito recorrente, por exemplo, em algumas ativistas do feminismo radical que é frequentemente visto como transfóbico, porque entende a violência contra a mulher como imposto, automaticamente, pelo gênero no nascimento, ao passo que desconsidera que mulheres trans poderiam sofrer o

mesmo tipo de violência, já que não passam pela mesma situação desde o nascimento. Sendo que as imposições colocadas ao gênero podem ser problematizadas como violência tanto para mulheres, homens trans, mulheres trans e pessoas não-binárias, que passam, desde o nascimento, por imposições próprias do gênero. Inclusive, ao discutir o machismo como parte da estrutura, entendemos que o homem, assim como destacado por Saffioti, é também vítima do machismo, que vai pressioná-lo por um comportamento e por uma sujeição que também é nociva a ele. O discurso do lutador de *MMA* (Artes Marciais Mistas), Paddy Pimblett, após uma luta no *UFC* (*Ultimate Fighting Championship*) em julho de 2022, exemplifica essa condição.

Eu quero dedicar essa luta para meu bebê Lee. Um guerreirinho. Ele é mais lutador que qualquer um aqui. Mas também eu acordei na sexta-feira de manhã, às 4h, e recebi uma mensagem lá de casa dizendo que um dos meus amigos se suicidou. Isso foi cinco horas antes da pesagem. Então, Ricky, esta foi pra você. Existe um estigma neste mundo de que os homens não podem reclamar. Escuta aqui, se você é um homem, está carregando muito peso nos ombros e acha que a única solução é tirando sua própria vida. Por favor, fale com alguém! Fale com qualquer pessoa! Eu prefiro ter meu amigo chorando no meu ombro do que ter que ir ao seu funeral semana que vem. Então, por favor, vamos acabar com esse estigma. E que os homens comecem a falar (web).¹¹

O feminismo radical é um exemplo da cisão do feminismo, que é plural, assim como o feminismo negro, feminismo lésbico, etc., que são resultados das mulheres serem plurais e se identificarem com um nicho que não é comportado pelo todo, que é o feminismo. Contudo, os nichos fragmentam a unidade do movimento, visto que as feministas, de diferentes segmentos, criticam umas às outras.

Conforme Maria Amélia de Almeida Teles (1999), algumas lideranças de esquerda afirmavam que o feminismo tem um caráter divisionista que pretende favorecer as classes dominantes, o que, na prática, é contrária à luta por equidade. Essas divisões, no Brasil, surgiram nos anos 90 pela fragmentação das pautas levantadas pelo feminismo que em vez de serem fortalecidas pelos integrantes, era alvo de críticas.

A proposta de Nós Mulheres de socializar o trabalho doméstico pela criação de equipamentos sociais, como creches, lavanderias e refeitórios públicos, era considerada absurda também por ativistas da esquerda, pois a maioria do povo brasileiro tinha problemas mais prioritários, como a fome e a falta

¹¹ Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/2022/07/26/atleta-do-ufc-desabafa-sobre-masculinidade-toxica-apos-suicidio-de-amigo.htm?cmpid=copiaecola>

de liberdade. Mas as ideias dos jornais propiciavam debates nas escolas e bairros de periferia. (TELES, 1999, p. 92).

Como se não pudessem existir vários problemas e todos fossem significativos, o que contradiz o discurso feminista em si, o qual compreende a estrutura como patriarcal, sendo isso que ocasiona diversas violências contra a mulher, variados os problemas levantados como pauta. Não valorizar todas as reivindicações segregou as lutas, o que enfraqueceu a unidade.

A bandeira que vai ligar mais estritamente essas mulheres é a creche. Nesse congresso é que nasceu o Movimento de Luta por Creche. Mas nem todas as mulheres se uniram. O Movimento Feminino pela Anistia de São Paulo comemorou o 8 de Março numa manifestação à parte na Câmara Municipal. A grande maioria das mulheres, entretanto, ficou com o congresso: enquanto na Câmara Municipal de São Paulo o Movimento Feminista pela Anistia reunia quase 100 mulheres, o encerramento do congresso contou com mais de duas mil. (TELES, 1999, p. 119).

Então, pelo movimento ter diversas pautas e não conseguir se manter unificado em prol de lutas variadas, se fragmentou e se fragilizou.

Em relação à fundamentação dos feminismos nesta pesquisa, foi utilizada a bibliografia de autoras feministas que discorrem sobre outros tipos de feminismos, como bell hooks (op.cit.) que escrevia sobre o feminismo negro, assim como outras pesquisadoras que contribuem para a Teoria do Feminismo com estudos diversos sobre gêneros e feminismos.

Em relação à Análise de Discurso (AD), além dos autores já citados, invariavelmente, também outros pensadores da AD até então conhecida como de linha francesa aparecerão no corpus do trabalho, visto que estão no cerne da AD, como Maingueneau (2004) que analisa o discurso como forma de apreender a linguagem, o que é diferente da noção de discurso de outrora, na qual se referia às estruturas linguísticas para além da frase. Conforme Maingueneau (2004) os trabalhos de Análise de Discurso centram a sua atenção sobre a articulação entre os modos de organização discursiva e de organização social.

Atribuem, portanto, um papel crucial aos gêneros do discurso que estão relacionados a estatutos, a lugares institucionais. A Análise do Discurso diverge assim da linguística textual que tem por objeto os processos de coesão-coerência que asseguram a unidade de um texto: restrições locais (anáfora nominal, progressão temática...) ou globais (roteiros, estratégias, estruturas narrativas...) (MAINGUENEAU, 2011, p.05).

No jogo de análise, Maingueneau (idem) pesquisa considerando o contexto, sem separar o texto do conteúdo de sua disposição de enunciação. Dessa forma, o

discurso não existe sozinho, mas ele é composto também do meio que o enuncia e de quem o enuncia, não havendo uma relação de independência que separe partes do discurso. O que tem bastante semelhança com a questão da argumentação linguística de Ducrot (apud MAINGUENEAU, 2004) destacada pelo linguista, na qual um enunciado é composto de palavras que não tem, em si, valor estável, mas na relação que um enunciado tem com outro.

Assim como para Foucault (1996), que nos coloca a compreensão de que, para falar, o indivíduo ocupa uma posição ritualista. É o ritual que define a qualificação que o indivíduo deve ter para falar, pois, num jogo de diálogo, os sujeitos precisam ocupar posições que determinam tipos de enunciados, além disso, o ritual define o comportamento, as circunstância, os signos que acompanham o discurso, para contribuir na fixação dos efeitos daquele discurso. Nenhum discurso está desassociado dessa prática ritualística, pois determina sujeitos e papéis pré-estabelecidos muito pertinentes para a questão da formação imaginária.

Embora contraditório, o discurso feminista de Solnit tem semelhança com o movimento feminista em si, que tem a contradição, a disputa interna, e instabilidade como partes de seu processo de construção. Com a AD e a Teoria Feminista, podemos identificar essas incongruências, mas também compreender como o movimento colaborou para o desenvolvimento, como sujeito, de Rebecca Solnit, considerando que, desde cedo, dentro do próprio ambiente familiar, a escritora já sofria com violência de gênero, o que contribuiu para ela também ser silenciada.

Por meio de noções de Jornalismo, compreendemos características da escrita de Solnit, que com seus conhecimentos, apreendidos na academia e na prática jornalística, produz críticas, crônicas e livros sobre feminismo e sobre si mesma. Dessa forma, é possível identificar que o jornalismo é constitutivo na expressividade de Rebecca Solnit, aparecendo em suas produções as quais dizem muito sobre a identidade da autora. O discurso, nesse sentido, nos revela.

3. O FEMINISMO PELA ÓTICA DA JORNALISTA REBECCA SOLNIT E PELO USO DA SENSIBILIDADE DA ESCRITORA

Há uma escrivaninha antiga recoberta com tinta branca numa imagem em preto e branco no verso da primeira página do livro RDMI, de Rebecca Solnit. O móvel que tem um valor sentimental para a jornalista – não apenas por Solnit ter escrito diversos artigos, matérias, livros e histórias debruçada sob o objeto, mas pela história relacionada ao presente que foi a escrivaninha, a qual está intrinsecamente associada a quem Rebecca Solnit é e pelo que ela luta –, na foto, funciona como suporte para livros e um modelo atual de computador. O velho e o novo num fragmento de segundo capturado por um “clic”.

Fotografia 1 - Imagem do verso da primeira página do livro RDMI.



Fonte: imagem da autora

No livro, a jornalista conta sobre o seu amadurecimento enquanto pessoa, enquanto mulher, enquanto feminista, enquanto jornalista, enquanto escritora, enquanto alguém que foi constantemente confrontada como se não fosse credível. “A credibilidade é uma ferramenta básica para a sobrevivência” é uma frase repetida

e reforçada no livro, porque, enquanto mulher, Rebecca Solnit sente que precisou provar a sua capacidade e lutar contra o seu apagamento diariamente. Nessa obra, a jornalista retoma o antigo, o passado, lembrando os primórdios de sua existência e conta sobre o seu presente; através de sua história, é possível visualizar o quanto o machismo está intrínseco à estrutura da sociedade e nas tentativas de silenciamento que Solnit enfrentou, as quais são tão rotineiras na vida das mulheres, simplesmente, por serem mulheres. Por meio da linguagem literária, por vezes, poética, a jornalista conta sobre a sua vida. A escrita de Solnit é, como assim se espera de uma jornalista que é escritora: a mistura de jornalismo e literatura. Pena (2008) define o Jornalismo Literário como:

Uma linguagem musical de transformação expressiva e informacional. Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transforma-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose. Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma verossimilhança possível. Não se trata da oposição entre informar ou entreter mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. (PENA, 2008, p. 21).

Com essas características, de informação e expressividades, Solnit conta sobre a sua vida, desde pequena passando por situações que moldaram o seu comportamento, assim como ocorre com outras mulheres, de modo em geral, que também enfrentam situações semelhantes, como evitar usar determinadas roupas, mesmo quando criança, para que homens – que não deveriam olhar para crianças – não olhem. Evitar falar de um jeito que não soe grosseiro ou masculino, porque existe uma separação de gênero, e mulher *deve* estar, em todos os aspectos, no polo feminino – de feminilidade, de suavidade, delicadeza, silêncio, e, às vezes, inexistência.

Desde a infância, somos instruídas a não fazer certas coisas – não ir ali, não trabalhar acolá, não sair a tal hora, não conversar com tais pessoas, não usar tal vestido, não tomar tal bebida, não participar das aventuras, da independência, da solidão; abster-se era a única forma de segurança oferecida para escapar da carnificina. (RDMI, p. 58).

Conforme a filósofa Judith Butler (20018), a partir de Foucault, são os sistemas jurídicos que reproduzem os sujeitos que esses passam a representar. Sendo assim, o sujeito “mulher” é anterior à mulher. Ser mulher, de acordo com Foucault (apud BUTLER, 2018), já está pré-concebido.

Se esta análise é correta, a formação jurídica da linguagem e da política que representa as mulheres como “o sujeito” do feminismo é em si mesma uma formação discursiva e efeito de uma dada versão da política representacional. Assim, o sujeito feminista se revela discursivamente constituído, e pelo próprio sistema político que supostamente deveria facilitar sua emancipação, o que se tornaria politicamente problemático, se fosse possível demonstrar que esse sistema produz sujeitos com traços de gênero determinados em conformidade com um eixo diferencial de dominação, ou os produz presumivelmente masculinos. Em tais casos, um apelo acrítico a esse sistema em nome da emancipação das “mulheres” estaria inelutavelmente fadado ao fracasso. (BUTLER, 2018, s/p).

Existe um poder que já não está nas mãos da mulher, e esse poder determina os sujeitos, sendo assim, a mulher, tal como ela é, já é um sujeito constituído que não consegue lutar por mais causas de libertação feminina e feminista, porque o sujeito mulher e o sujeito feminista já estão estabelecidos. Por essa razão, ao se assumir mulher, ou feminista, o sujeito já se encaixa em um rótulo, lugar, identificação. Lutar pelo reconhecimento de algo diferente disso, de acordo com a compreensão de Foucault (apud BUTLER, 2018), é paradoxal.

Compreensão parcialmente contrária ao entendimento de mulher a partir de Simone de Beauvoir. Ela entende que a mulher torna-se, ou seja, é construída culturalmente, e na vivência. A semelhança entre os pensamentos é que, talvez, a posição de mulher, concebida por Foucault (idem), tenha se construído historicamente na vivência e na cultura, porém se manteve inalterada na atualidade. Isto é, enquanto Beauvoir acredita que a mulher torna-se (ao se desenvolver, então, de acordo com a sua vivência na cultura), para Foucault (ibidem), a mulher é, porque tornou-se (através do que se construiu, historicamente, sobre ser mulher e feminista, inclusive, com seus estigmas).

Retornando à vida de Solnit. Aos 19 anos, a jornalista saiu de casa e procurou um apartamento em um bairro – que na época era pobre, de São Francisco. Um local conhecido como um “bairro negro”, por haver apenas pessoas negras morando na área. E não é uma hipérbole, há bairros que são ocupados somente por negros e esses são bairros, frequentemente, pobres.

Como era um bairro negro, nos Estados Unidos, em 1980, então era periférico e estava abaixo do valor comercial de locação de São Francisco. Solnit morou por 25 anos no mesmo apartamento e quando saiu de lá, o preço dos imóveis havia sido alterado e o cenário também havia se modificado. A jornalista

reconhece que, talvez, tenha aberto as portas do local para a gentrificação¹² e para o embranquecimento da área, que hoje não é mais um local periférico de São Francisco, mas atraente para investimentos comerciais – coisa que não ocorre em bairros negros e periféricos. É interessante esse reconhecimento da autora, que identifica que a sua presença, de uma mulher branca, oportunizou a entrada de mais pessoas brancas, num bairro que pulsava cultura negra, o que, de certa forma, tornava aquele local, antes da gentrificação, promotor de valorização da cultura negra. O que fica evidente em determinados trechos do livro, quando Solnit comenta sobre os hábitos do bairro, por exemplo, logo no início da história contada na obra, quando Solnit tinha 19 anos e buscava um imóvel, e o encontrou no bairro negro de São Francisco, conheceu o zelador do local, chamado James V. Young, que naquele dia assistia em sua televisão músicos negros tocando *blues*, enquanto, aparentemente, o país todo acompanhava o *Superbowl*¹³.

As opressões dentro da sociedade são segmentadas. Diferentes pessoas podem ser oprimidas por razões similares e se unirem por conta disso. Esse é o fio condutor de muitas amigas de Rebecca Solnit. Por ser mulher se uniu a outras mulheres que também tinham uma história para contar resultante das tentativas de silenciamento impostas às mulheres por serem mulheres, como o caso da amiga de Solnit que a presenteou com a escrivainha, que assim como ela retrata no livro, serviu de palco para a sua voz – amplificada e repercutida através de seus escritos confeccionados sob a mesma. Essa amiga, um ano antes de presentear Solnit, recebeu 19 facadas do ex-namorado, por simplesmente sair do relacionamento, o que não é incomum numa sociedade patriarcal e sexista. No Rio Grande do Sul, por exemplo, em 2021 foram registrados 90 feminicídios e a maioria foi cometida por ex-companheiros¹⁴. Além de mulheres, Solnit conviveu e se aproximou de pessoas LGBTQIA+, negras, pertencentes ao leque da diversidade. Inclusive, acompanhou,

¹² A gentrificação é um processo de mudanças na paisagem, no uso e na movimentação de um local. Os “gentrificadores” se mudam para o local, interessados por alguma característica desta área, como o valor comercial do espaço (como no caso de Rebecca Solnit), atraindo outras pessoas parecidas com os gentrificadores, o que resulta em mais mudanças, devido a mais gentrificadores se mudando para a área. Naturalmente, mais mudanças ocorrem nos ambientes, e mais atrativo – e com maior valorização econômica – se torna o local. Mais informações sobre o processo de gentrificação disponíveis em: <https://ea.fflch.usp.br/conceito/gentrificacao>.

¹³ Superbowl é o jogo final do campeonato “National Football League”, a liga esportiva profissional de futebol americano dos Estados Unidos. O futebol americano é o esporte mais famoso nos EUA. Saiba mais sobre a NFL em: <https://www.nfl.com/super-bowl/>

¹⁴ Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/02/13/violencia-contra-a-mulher-dados-refletem-desmonte-das-politicas-de-enfrentamento>. Acesso em 22/04/2022.

como uma observadora, o surgimento do HIV/Aids e de como a doença também influenciou na mudança do cenário do local em que ela vivia, fazendo com que outras pessoas do bairro também desaparecessem.

Rebecca Solnit inicia a biografia rememorando um tempo em que desmaiava com frequência, por estar abaixo do peso – Solnit sempre foi muito magra – e de como se recordava dessas situações, como se estivesse desaparecendo do mundo ao desmaiar – fazendo um paralelo sobre como se sentia enquanto mulher numa sociedade machista – tendo sua existência apagada, ao passo que simplesmente existisse. A existência não era o suficiente, para ser vista, ela precisava lutar para isso.

Certo dia, muito tempo atrás, olhei para mim mesma de frente num espelho de corpo inteiro e vi minha imagem escurecer e ficar nebulosa e então recuar, como se eu estivesse desaparecendo do mundo, e não afastando aquilo da minha mente. Procurei me apoiar no batente da porta do outro lado do corredor e foi aí que senti minhas pernas se dobrarem debaixo de mim. Minha imagem saiu flutuando à deriva e se dissolveu na escuridão, como se eu fosse apenas um fantasma desaparecendo até mesmo do meu próprio olhar. (RDMI, p. 9).

Muitas pessoas são e se tornam feministas muito antes da consciência sobre o que é feminismo. É o caso de Solnit. Nas páginas em que descreve a adolescência e a juventude – como uma adolescente punk, com certo ódio e medo de tudo que já está estabelecido como o padrão correto –, a versão mais nova da jornalista visualiza e identifica as situações opressoras, sem classificá-las como uma consequência do machismo ou da urgência de discutir o feminismo e repercuti-lo como essencial na vida das mulheres. Mas está lá: a consciência dos direitos compartilhados na luta dos feminismos; estava em Rebecca Solnit, mesmo antes de nomeá-la.

Grande parte do livro traz memórias da juventude da autora, porque foi um período no qual ela se sentiu constantemente vista como incapaz, por ser mulher e jovem. “Ser uma jovem mulher significa enfrentar a sua própria aniquilação de maneiras inumeráveis, ou então fugir dela, ou do conhecimento dela, ou todas essas coisas ao mesmo tempo” (RDMI, p. 10). E é nesse sentido que o livro se desenvolve, abordando a constante tentativa de tornar mulheres “menos existentes”.

Tornei-me especialista em desaparecer. Em me esgueirar, passar despercebida, me defender, me contorcer até me safar dos apertos, me esquivar dos abraços, beijos e mãos indesejadas, em ocupar cada vez

menos espaço no ônibus, enquanto mais um homem vinha se espalhando e invadindo o meu lugar, especialista em me desembaraçar aos poucos ou me ausentar subitamente. Especialista na arte da inexistência, já que a existência era tão perigosa. Era uma estratégia difícil de desaprender quando eu queria me aproximar de alguém diretamente. Como se pode ir ao encontro de alguém de braços e coração abertos, depois de décadas sobrevivendo por evasão? Com todas essas ameaças, era difícil confiar em alguém, parar um pouco e me conectar com alguém; e também me impedia de me mover livremente. Como se tudo aquilo tivesse a intenção de me empregar em casa sozinha, como uma pessoa prematuramente em seu caixão. (RDMI, p. 68).

Em RDMI, também é possível identificar que muitos dos temores de Rebecca Solnit, em relação aos homens, surgiram da relação da jornalista com o próprio pai. Semelhante ao que ocorre com sua mãe, com que também não aparentava ter um laço positivo – o que justifica a ansiedade de Solnit para sair de casa e nunca mais retornar. Em determinada parte da biografia, a autora comunica que escreveu o obituário dos pais na mesma escrivania que recebeu da amiga há tantos anos e que, após a morte deles, sentiu-se leve, podendo, descansar do peso que eles representavam.

Eu nunca estivera em segurança, mas creio que o motivo do horror me que atingia era que durante alguns anos pensei que talvez eu pudesse estar, que a violência masculina fora contida na casa que me criei, e assim eu podia deixar aquilo para trás. Certa vez escrevi que fui criada num mundo virado do avesso, onde todos os lugares, exceto a minha casa, eram seguros; e todos os outros lugares pareciam bastante seguros quando eu era criança, morando num loteamento onde o bairro ia dar no campo onde eu podia perambular livremente, fosse na cidade ou na colina, ambas logo à minha porta. Eu ansiava por ir embora da casa dos meus pais e planejava isso desde criança, desde que tinha uma idade que ainda dava para contar nos dedos das mãos, sempre fazendo listas do que é preciso levar para fugir de casa. Depois que saí, nunca mais corri perigo dentro da minha própria casa; ela dava a sensação de ser o único lugar onde eu estava em segurança. (RDMI, p. 67).

Solnit não se limitou a escrever em RDMI apenas sobre feminismo, embora, ao longo da obra, questões relacionadas ao feminismo sejam frequentemente trazidas à tona, mas a autora também discute sobre o descaso com a preservação dos povos e o terreno dos povos originários dos Estados Unidos e com a falta de responsabilidade que o governo norte-americano trabalha a preservação do meio ambiente, além de também ser uma crítica contundente dos testes nucleares realizados nos EUA. Inclusive, na mesma obra, Solnit descreve sua participação nas manifestações de ativistas antinucleares, e isso comprova, sobretudo, a lucidez da jornalista.

Com 27 anos, em 1988, participou pela primeira vez de uma ação nesse sentido, na Área de Testes Nucleares de Nevada. Esse assunto foi parte do segundo livro de Solnit (“Sonhos selvagens: Uma viagem às guerras ocultas do Oeste norte-americano”), para escrevê-lo, a autora viajou pelo Oeste norte-americano, retratando a história “submersa” no local do tema de sua obra.

A guerra que é o fulcro da primeira metade do livro ocorreu na Área de Testes de Nevada, onde as guerras nucleares, geralmente consideradas como algo terrível que poderia acontecer algum dia, estavam de fato acontecendo, a um ritmo aproximado de uma bomba nuclear por mês, de 1951 a 1991, ou seja, mais de mil detonações ao todo, com um impacto calamitoso no ambiente local e nos seres humanos da região. A segunda metade do livro era sobre o Parque Nacional de Yosemite, onde as guerras contra os índios, amplamente consideradas como algo ruim que aconteceu há muito tempo, estavam ocorrendo no presente, por outros meios, contra os povos nativos; estes, ao contrário da crença geral da época, não tinham desaparecido, se evaporado, nem alcançado o fim da trilha, nem partido a cavalo rumo ao sol poente, nem sido os últimos do seu povo. Os povos nativos tinham se tornado invisíveis devido às representações, ou melhor, às não representações — nas placas de sinalização no terreno, no mais visível dos seus dois museus, nas práticas de gestão da terra e na imagem de Yosemite divulgada pelos artistas e organizações ambientais como um lugar virgem, desabitado, recentemente descoberto por pessoas brancas, e onde só havia lugar para o ser humano como visitante. (RDMI, p. 184).

Por meio do livro, podemos visualizar Solnit como uma ativista pelos direitos, não somente das mulheres, mas dos povos originários, do meio ambiente, da preservação da cultura. Assim, é possível identificar que, embora Rebecca Solnit não seja atingida, por exemplo, pela violência contra indígenas, ela encontra abertura para discutir ativismos diversos, motivada por ser vítima da violência de gênero. Por essa razão, a sua voz não repercute apenas vozes femininas, mas de tantas outras pessoas silenciadas.

Solnit trata do desaparecimento das pessoas que ainda existem, mas que não recebem voz ou visibilidade para efetivarem a sua existência. Com isso, seu discurso integra diferentes populações, com características diferentes, mas que se relacionam pelo preconceito que sofrem.

O discurso da jornalista, que aparece em seus escritos, envolve sexualidade e política. Conforme Foucault (1996) é no discurso que esses dois assuntos – tão complexificados – se potencializam. De acordo com o filósofo, há assuntos, como esses dois, que precisam ser bastante trabalhados antes de serem enunciados, porque ninguém tem o direito de falar tudo em qualquer circunstância. Nesse caso, há três impedimentos (interdições) em relação a isso: o tabu do objeto (tema,

assunto), ritual da circunstância (“é adequado?”), e o direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala (o sujeito tem a liberdade, autoridade ou conhecimento para falar sobre aquilo), sendo os campos da sexualidade e da política, os mais cerrados para se falar (FOUCAULT, 1996, p. 9).

Rebecca Solnit, ao escrever em jornais, memoriais, livros e em outras plataformas sobre sexualidade e política, adota essa lógica, já que escreve em meios de comunicação alternativos (ritual de circunstância) que cedem espaço e permitem essas discussões (tabu do objeto), inclusive, no início de sua carreira, não encontrava no jornalismo tradicional abertura para ser a jornalista que gostaria de ser, por isso, analisa que se encontrou na literatura de não ficção, a qual ofereceu espaço para suas manifestações (falas de um sujeito que estava aprendendo sobre feminismo e identificando no mundo as consequências de uma estrutura patriarcal). São essas interdições que impedem que o discurso ocorra, que revelam o poder do discurso.

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto de desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. (FOUCAULT, 1996, p. 10).

Conforme o autor, ao se ter o discurso, tem-se poder capaz de interessar outras pessoas no discurso, logo, no poder.

Em RDMI, a autora escreve que para as mulheres serem percebidas como pessoas de direito (o que pode abranger outros grupos de minorias, como a população negra, os povos originários, os LGBTQIA+ etc), precisam de três coisas: audibilidade, credibilidade e relevância.

De acordo com a autora, a audibilidade significa a oportunidade de ser ouvida, de não ter sido silenciada ou impedida de se comunicar ou expor opiniões, seja por meio de ameaças ou assédios, que são capazes de fazer com que as mulheres, por exemplo, busquem se esconder, para evitar falar sobre o ocorrido.

Em relação à credibilidade, representa a disposição, dos ouvintes, de acreditar no que está sendo dito. Isso não significa que as mulheres nunca mentem, mas que merecem espaço e disposição para serem ouvidas, considerando o

contexto. Numa sociedade patriarcal, a mulher já está em descrédito, pois suas emoções são relativizadas, sendo colocadas como irracionais ou exageradas, porque, conforme o patriarcado, a mulher é mais sensível e menos forte para tolerar a vida em geral.

Sobre a relevância, de acordo com Solnit, tem relação com a importância que se dá a quem profere o discurso, ou a acusação, ou a defesa. Nesse caso, a importância que se dá à mulher quando fala, sobre ela ser relevante e ter importância suficiente para ser considerada, assim, tendo os seus direitos respeitados. “Se você tem relevância, suas palavras possuem autoridade para determinar o que vai acontecer com você e o que não vai acontecer, o poder subjacente ao conceito de consentimento como parte da igualdade e da autodeterminação” (RDMI, p. 246).

São questões também caras e relacionáveis com o ritual de Foucault (1996). De acordo com o filósofo, as trocas e a comunicação atuam dentro de um sistema complexo de restrição, no qual a sua forma mais superficial seria o ritual.

[...] ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciados); define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção. Os discursos religiosos, judiciários, terapêuticos e, em parte também, políticos não podem ser dissociados dessa prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos. (FOUCAULT, 1996, p. 39).

Disso, advém uma série de complicações e restrições para os sujeitos. A estrutura está estabelecida de tal forma que o gênero feminino deve se portar de uma forma e não de outra, sendo assim, o tratamento que irá receber será de uma forma e não de outra, sendo essa forma estruturada de acordo com o sistema vigente, que é sexista, trabalhando essa mulher como ou submissa (quando age de acordo com o papel preestabelecido) ou subversa (quando não se comporta conforme o que é esperado da feminilidade). Esses rituais constituem a sociedade.

3.1 Uma obra com fragmentos de uma estrutura viciada na unidade branca, masculina e cisheteronormativa

Em várias partes do livro RDMI, a autora retorna para o ponto principal da narrativa que compõe a sua história de vida: o mundo é perigoso para as mulheres. Ela traz relatos pessoais e que acompanhou na mídia, na vizinhança, nas conversas paralelas, de mulheres que sofreram assédio ou perseguição, até serem mortas e, finalmente, se tornarem, de fato, inexistentes. É também dessa forma que se desenvolve o livro DQEH, a outra obra da autora que também é objeto deste trabalho.

Solnit, por meio deste outro livro, discute sobre o patriarcado, a constante tentativa de apagamento das minorias, a política, as questões feministas, e o meio ambiente, através de uma antologia que reúne alguns de seus ensaios publicados em diferentes jornais. Embora cada um reflita sobre um tema – e às vezes essa mesma temática se repita –, muitos deles têm uma forte oposição política ao partido republicano, uma crítica contundente contra a política estadunidense de modo geral e a menção frequente de nomes de políticos que já praticaram atos ilícitos ou imorais. Mais do que em RDMI, em DQEH a autora é enfática ao demonstrar o desagrado com o comportamento da política estadunidense, também incentivada pela desigualdade de espaço, uma vez que a maior parte dos cargos políticos são ocupados por homens, embora, nos últimos anos, a porcentagem de mulheres na política esteja aumentando gradativamente. Assim, a autora usa das notícias sobre casos de misoginia e machismo por parte dos políticos estadunidenses, para criticá-los. Hoje, ela tem uma voz e utiliza dela para reforçar os acontecimentos causados por homens que se sentem no direito de controlar mulheres, de agir sobre elas e de silenciá-las.

Rebecca Solnit reconhece que as opiniões que temos atualmente, sobre raça, gênero, orientação sexual e tudo o mais, não são uma virtude inerente a nós, mas resultado das ideias que circulam e chegam, por meio do trabalho e do esforço de outras pessoas (DQEH, p.11), essa é uma compreensão de interdiscurso que pudemos reconhecer em seu texto. Reproduzimos um discurso já dito e esquecido, como se fosse nosso, mas não o é. São esses os discursos de origem, conforme Foucault (op.cit.), que retomam a origem nos novos atos de fala, que “os transformam ou falam deles, ou seja, os discursos que, indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer” (FOUCAULT, 1996, p. 22). Nesse sentido, são muitas vozes feministas que falam através e na fala de Solnit.

Temos, durante toda a nossa vida, acesso a outras falas e pensamentos, muitas vezes, não percebemos quando aqueles discursos se integram aos nossos, mas, de alguma forma, são internalizados e, posteriormente, repetidos e colocados como nossos. Mas, por outro lado, também precisamos de validações de posicionamentos. No caso de Solnit, por ser uma mulher branca, para se sentir confortável em escrever ou manifestar um posicionamento que, mesmo que minimamente, reforce a sua branquitude, ela precisa de um suporte. A situação que a autora traz é muito corriqueira: aquela em que as pessoas tentam amenizar acontecimentos, com a desculpa de que algo foi dito porque quem falou não teve acesso à informação, quando, muitas vezes, teve (principalmente, nos dias de hoje, com o acesso ao celular); nesses casos, o que falta é o interesse pela informação. Contudo, é claro, há situações em que as pessoas não tiveram mesmo acesso, especialmente quando se trata de ocorrências do passado. Para comentar sobre esse tipo de situação, Solnit traz uma fala da cofundadora do movimento *Black Lives Matter*, Alicia Garza, em que Garza afirma que o que ela sabe agora não aprendeu sozinha, pois também teve que se informar para construir o movimento, para ter a consciência que hoje tem.

Este é um momento para todos nos lembrarmos de quem éramos quando demos o primeiro passo para entrar neste movimento — lembrar dos organizadores que foram pacientes conosco, que discordaram de nós mas continuaram conectados, que deram um sorriso de compreensão quando estávamos consumidos pela certeza absoluta de ter razão. Construir um movimento exige estender a mão para alcançar pessoas além daquelas que concordam com você. Eu me lembro de quem eu era antes de me entregar ao movimento. Alguém foi paciente comigo. Alguém viu que eu tinha algo com que contribuir. Alguém pegou na minha mão e não largou. Alguém trabalhou para aumentar o meu engajamento. Alguém me ensinou como ser responsável pelos meus atos. Alguém abriu meus olhos para as raízes dos problemas que enfrentamos. Alguém me incentivou a dar voz à minha visão de futuro. Alguém me treinou para trazer para o movimento outras pessoas que estão procurando um movimento. (DQEH, p.11).

Em seu discurso, Alicia Garza (apud SOLNIT, 2020) reconhece a importância da paciência entre aqueles que sabem e aqueles que estão iniciando o processo de conhecimento sobre determinadas causas. É natural que, nesse contexto, as pessoas precisem mesmo de paciência e de pessoas interessadas em abrir espaço para aquelas que queiram se integrar ao movimento, na militância de modo geral. Entretanto, atualmente, é bastante frequente as pessoas pertencentes às minorias se sentirem cansadas de terem que ou oferecerem explicações (sobre elas

mesmas, sobre suas identidades) ou tolerarem desrespeito com a desculpa de que quem manifestou desrespeito não teve acesso à informação, essa é uma complexidade dos dias atuais. A informação circular com tanta frequência, mas não chegar a tantas pessoas, ou, se chegar, não ser compreendido como tal.

Um dos assuntos principais do livro DQEH é o movimento #MeToo. Em 2017, o jornal *The New York Times* publicou uma acusação de assédio sexual contra o ex-diretor cinematográfico, Harvey Weinstein. Assim, foi aberta as comportas e uma enxurrada de acusações e relatos surgiram na internet, não somente contra o ex-diretor, que hoje cumpre pena de 23 anos pelo julgamento em Nova York (e aguarda a finalização de processos em outras cidades), como também contra diversos outros homens de Hollywood e da sociedade como um todo. As mulheres começaram a utilizar a hashtag #MeToo nas redes sociais para relatar casos de assédio que foram cometidos contra elas. Atrizes famosas norte-americanas se uniram à causa, relatando casos e demonstrando apoio às outras mulheres. O caso já mencionado neste estudo, dos atores Johnny Depp e Amber Heard, é um exemplo. Embora seja mais recente do que o movimento #MeToo, não deixa de ter sido impulsionado pela maior abertura para a exposição de casos de assédio e agressão contra a mulher por trás dos holofotes hollywoodianos, mesmo que neste caso, a mulher não tenha recebido tanto apoio, quanto Depp.

Na época do #MeToo, a voz das mulheres se tornou muito mais potente. Em DQEH, Solnit escreve que muitos homens, a partir desse movimento, se sentiram atacados, porque não estão mais tão confortáveis para fazer os comentários que antes faziam; eles se sentem incomodados porque não sentem liberdade para serem assediadores, já que na atualidade muitas mulheres sabem os seus direitos, inclusive, o de denunciar homens, por “brincadeiras”, na perspectiva deles, mas que são, na realidade, manifestações de assédio.

A história que se segue a revolta com o #MeToo muitas vezes é esta: de que modo as consequências dos terríveis maus tratos que os homens infligem às mulheres afetam o conforto dos homens? Será que os homens estão se sentindo bem com tudo isso que está acontecendo? (DQEH, p. 29).

Então, de alguma forma, o movimento que era para promover a conscientização dos homens sobre os seus próprios comportamentos nocivos e desagradáveis, se tornou, para alguns deles, um mecanismo de poda e retaliação

das atitudes masculinas, que, para eles, seriam ações inofensivas. Nesse sentido, a autora traz situações como essa para justificar o nome do livro “De quem é esta história?”, porque a história muda de acordo com quem conta a história, e se ela sempre é contada por homens brancos, por exemplo, as mulheres e a diversidade nunca são protagonistas, e os problemas vinculados a isso, nunca são expostos.

Assim como quando a história é contada do ponto de vista de europeus e norte-americanos, sempre será uma história colonizada, e nunca a partir das nossas reais origens. Por isso, Solnit inclui a questão dos povos originários, porque, conforme a jornalista, a mudança inicia nas margens.

Minha experiência intelectual formadora ocorreu no início dos anos 1990, ao observar as reações contra a comemoração dos quinhentos anos da chegada de Colombo às Américas e o aumento na visibilidade e audibilidade dos povos nativos americanos, que redefiniram radicalmente a história e as ideias deste hemisfério acerca da natureza e da cultura. Foi assim que eu aprendi que a cultura tem importância, que ela é a subestrutura das convicções que moldam a política, que as mudanças começam nas margens e nas sombras e vão crescendo rumo ao centro, que o centro é um lugar de chegada, raramente um lugar de verdadeira geração, e que até mesmo as histórias mais fundamentais podem ser mudadas. (DQEH, p 9).

É bastante significativo esse questionamento, do que valorizamos enquanto origem, porque nos motiva a questionar, por exemplo, por que foi trazido ao Brasil, em agosto de 2022, o coração de Dom Pedro I,¹⁵ com custos não divulgados, enquanto as políticas para preservação do território dos povos originários não são efetivas e não receberam manutenção no último governo (2019-2022). A conjuntura fala muito sobre a nossa cultura, política e identidade.

O ponto de discussão de Rebecca Solnit não é buscar converter as pessoas que odeiam as minorias, mas tentar mudar o mundo de tal forma que essas pessoas compostas de ódio não sejam as que detenham um poder desproporcional (DQEH, p.17). Infelizmente, não é incomum que essas pessoas fiquem isoladas no poder e tenhamos tantos regressos, isso é resultado também da pouca consciência e educação política no Brasil, assim como a ausência de consciência de classe. Somos iletrados para a vida. Está aí um importante papel do jornalismo: promover a consciência, através da informação. Para Adelmo Genro Filho (apud ROCHA, 2022), o jornalismo tem um papel revolucionário porque, mesmo condicionado ao

¹⁵ Coração de Dom Pedro I chega ao Brasil. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2022/08/22/coracao-de-dom-pedro-i-chega-ao-brasil-e-e-esperado-como-se-imperador-estivesse-vivo-diz-itamaraty.ghtml>. Acesso em 29/12/2022.

capitalismo, é uma forma de conhecimento que ultrapassa o modo de produção capitalista, sendo a informação mais importante que o capital. “Por isso, ele deve ser encarado como uma forma singular de saber, que distingue e complementa as mediações da ciência e da arte para a compreensão do mundo humano” (GENRO FILHO apud ROCHA, 2022, p. 59).

Para além disso, na sociedade atual, onde todos opinam sobre tudo, o jornalismo tem ainda mais importância, porque, às vezes, a opinião tem mais espaço do que a informação. Conforme Bondía (apud Rocha, 2022, p. 71), é esperado e cobrado um posicionamento e uma opinião sobre a notícia, e essa obsessão pela opinião anula a possibilidade de experiência, e assim, a informação já não tem a mesma força. Contudo, Rocha (idem) explica que a mídia consegue reverter esse cenário.

Neste contexto, a mídia tem o papel fundamental de recosturar as coisas, estimular um pensamento reflexivo e empático, abrir caminhos para novas percepções e combater uma polarização das ideias que afasta a democracia e coloca as pessoas enquadradas em caixas ideológicas. (Ibidem, p. 71).

Assim, Rebecca Solnit, por ser jornalista e ter grande visibilidade, é promotora de consciência social, através de suas produções, mesmo que Solnit publique informações recheadas de opinião (até porque, como já discutimos, é natural haver uma inserção de personalidade em toda informação veiculada). Afinal, se o jornalismo tem um papel de contribuir com o conhecimento, e promover a manutenção da democracia, os jornalistas são as ferramentas utilizadas para isso.

Em DQEH, é interessante quando Solnit explica que, nos Estados Unidos, as pessoas interioranas são mais valorizadas do que o restante do país. São as pessoas do interior que são vistas como, realmente, americanas, pois reproduzem as raízes que construíram o estereótipo do estadunidense original, ou seja, de homem branco e heteronormativo, cristão, operário e patriota, que são a base que sustenta todo o restante dos EUA. Ao longo do livro, a autora comenta bastante sobre os imigrantes que ocupam as grandes cidades metropolitanas do país, o que justifica essa supervalorização do que é interiorano (local onde não há um excessivo número de imigrantes) e desvalorização em relação à identidade estadunidense, das metrópoles, porque, conforme Solnit, o preconceito contra imigrantes é bastante frequente nos Estados Unidos.

De acordo com informações da BBC (*British Broadcasting Corporation*), após a eleição de Biden, o número de imigrantes nos Estados Unidos, que já era o país com mais imigrantes no mundo, aumentou drasticamente¹⁶. Apesar da quantidade de imigrantes e de anos em que há imigrantes nos EUA, muitos estadunidenses ainda não são receptivos sobre a estadia de pessoas que são de fora de seu país. Nesse sentido, elegeram Trump em 2016, um presidente que discursava sobre criar uma muralha para separar os estadunidenses dos imigrantes. É sobre isso que Solnit escreve quando fala de não permitir que os que detenham mais ódio do que coerência estejam no poder.

Inclusive, Solnit critica o sistema eleitoral estadunidense, em que o voto não é obrigatório, as pessoas podem votar encaminhando o seu voto pelos “correios” norte-americanos, o que pode implicar na cidadania das mulheres que têm que agir de acordo com o que os maridos propõem.

Nos EUA, é bastante comum que voluntários visitem a moradia dos eleitores, indo de porta em porta, fazendo pesquisa, questionando se o morador já tem voto, indicando candidatos políticos, etc. Conforme Solnit, que já foi voluntária e que já contatou outros voluntários, há bastante coação eleitoral, e muitos comportamentos de maus-tratos contra voluntários do Partido Democrata, partido atualmente direcionado a uma esquerda mais liberal, com inclinações às políticas de assistencialismo e de ações afirmativas, ao contrário dos Republicanos que têm uma ideologia muito mais conservadora. De acordo com relatos que chegaram à autora e com suas próprias experiências, muitos maridos são grosseiros e não autorizam que suas esposas se manifestem.

Emily Van Duyn escreveu no Washington Post sobre grupos secretos de mulheres democratas no Texas:

Muitas continuam escondidas porque querem evitar conflitos sociais e até têm medo de ser abertamente progressistas dentro da sua comunidade. A experiência de medo e intimidação dessas mulheres vai contra os pressupostos da democracia nos Estados Unidos. Ou seja, numa democracia liberal de verdade as pessoas deveriam poder expressar suas opiniões sem medo de retaliação. A opção dessas mulheres de se envolver e continuar na clandestinidade também nos desafia a reconsiderar o privilégio de poder agir politicamente em público. E também considerar que as coisas que vemos na superfície das nossas vizinhas – as placas no gramado, os adesivos de parachoque – não contam a história toda. (DQEH, p. 64).

¹⁶ Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-62922635>. Acesso em 06/11/2022.

Então, por meio de relatos e notícias, o livro se desenvolve. Solnit utiliza de acontecimentos que se tornaram matérias para reforçar o quanto o machismo está presente de tal forma que cerceia a liberdade de mulheres, mesmo nos dias de hoje, como no caso do direito ao voto nos Estados Unidos, o que reforça o vínculo de sua identidade como jornalista e escritora. Outra crítica que Solnit faz ao sistema eleitoral dos EUA é a eleição por colégio eleitoral. No sistema estadunidense, mesmo que o número total de votos do candidato A seja maior que o número total de votos do candidato B, se o candidato B vencer em mais colégios eleitorais (órgãos compostos por eleitores que juntos vão decidir diretamente quem é o presidente e o vice-presidente) estará eleito. Então, quando as pessoas em geral votam nos EUA, estão votando em representantes para decidirem a presidência e são eles que elegem o presidente e o vice. Por isso, em 2016, a candidata à presidência Hillary Clinton recebeu mais de dois milhões de votos a mais do que Trump, mas não foi eleita.

Como Rocha (2021), que compreende os verbos utilizados como indicadores também da posição do jornalista que escreve a matéria (pois mesmo quando evita - ou não - coloca no texto a sua subjetividade), Solnit também entende que escolha de palavras e do sentido, quando se trata de mulheres, é pensada de uma forma diferente. De acordo com a autora, a seleção das palavras é realizada com o intuito de expressar que mulheres podem ter o mesmo comportamento de liderança de homens, mas nelas essa roupagem de liderança não cabe e acaba se tornando uma outra coisa: arrogância, superioridade, antipatia. Conforme a autora, a sociedade enxerga que a inteligência é uma qualidade nos homens e um defeito nas mulheres, porque homens inteligentes são admiráveis, mas mulheres passam a impressão de serem pouco carismáticas e “sabe-tudo”, e é por isso que as mulheres na política são tão atacadas, inclusive, por outras mulheres, porque são vistas como antipáticas e arrogantes, mesmo que o comportamento delas não se equipare à arrogância de tantos homens com poder.

De modo geral, os homens recebem uma maior compreensão, como se precisassem mais, porque, por serem homens, são ensinados a serem como são, então, quando erram, deve-se levar em consideração que foram ensinados assim, é quase como dar mais benefício para quem já o tem. “Essa má distribuição da empatia é epidêmica. O *New York Times* chamou de ‘solitário gentil’ um homem com um histórico de violência doméstica que, em 2015, atacou uma clínica de

planejamento familiar em Colorado Springs, matando a tiros três pais de crianças pequenas” (DQEH, p. 26).

Em DQEH, no capítulo “Ninguém sabe”, Solnit identifica as mulheres como sendo as pessoas designadas como “ninguém” e os homens como “alguém”. Na Filosofia, conforme Lacan (apud MARCONDE, 2019),¹⁷ a mulher não existe, então, nada mais natural do que ela ser “ninguém”. A psicanalista Maíra Marconde trata exatamente sobre isso no livro “O feminismo é feminino? A inexistência da Mulher e a subversão da identidade”, misturando feminismo e filosofia¹⁸. Há muita credibilidade dada ao homem, o que justifica a filosofia colocá-lo como “alguém”, como o existente. Homens, com históricos terríveis, de abuso, de discursos de ódio, de violência, são eleitos, porque representam o eleitorado que os elege.

Solnit, frequentemente, escreve sobre isso, critica contundentemente Trump pela sua eleição e pela forma como governou. “Vemos Trump descer do ônibus e se gabar de agarrar mulheres pela xoxota – e ser eleito presidente dali a menos de um mês. Ele passa então a colocar em prática uma série de políticas que cortam explicitamente os direitos das mulheres, incluindo os direitos das vítimas de agressões sexuais” (DQEH, p.103).

E se o que ele disse, fosse dito por uma mulher? Ela, com certeza, não seria eleita. Se espera um comportamento das mulheres que as mantêm em desigualdade. Claro que a luta feminista não é para que mulheres toquem os órgãos genitais de outras pessoas, sem consento, e se gabem por isso, mas também discute a supervalorização que é colocada sobre o homem, a ponto de ele discursar e agir dessa forma e, ainda assim, ser eleito. O próprio Bolsonaro, presidente do Brasil de 2019 a 2022, discursou absurdos sobre mortes ocorridas na pandemia, propagou “fake news”, instigou o ódio, e ainda assim, quase foi reeleito no pleito da eleição presidencial de 2022. Ele foi glorificado por ser um homem; uma mulher falando e agindo da mesma forma, não teria sido vista da mesma forma, porque a mesma família conservadora que o elege, só concorda com que mulheres portem feminilidade, suavidade, sensibilidade e servidão.

Na Análise de Discurso (AD), a relação de força também justifica essa condição. Existe uma relação de força entre diferentes pessoas que ocupam

¹⁷ Saiba mais em: <https://larvasincendiadas.com/2019/12/18/30-maira-moreira-o-feminismo-e-feminino/>. Acesso em 02/01/2023.

¹⁸ Saiba mais em: https://www.youtube.com/watch?v=maEoN_FFmzQ. Acesso em 02/01/2023.

diferentes lugares, por exemplo, se o sujeito fala a partir do lugar de um professor, suas palavras significam diferente do modo como se falasse a partir do lugar de um aluno (ORLANDI, 2005). Na sociedade, embora homem e mulher não sejam profissões, são lugares imaginários condicionados pela relação de gênero, que designa que homens cisgênero são audíveis, credíveis e relevantes, conforme descrição de Solnit, mas as mulheres não são. “Como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na ‘comunicação’ ” (ORLANDI, 2005, p.33).

Na hierarquia da nossa sociedade, os homens estão acima das mulheres. Em determinada parte de RDMI e também de DQEH, a autora escreve que um dos motivos que fazem com que isso ocorra, está relacionado com o sexo, com a mulher ser, na concepção normativa, o corpo penetrável. Essa penetração oferece controle ao homem, e uma entrega da mulher, e só por isso, por uma questão simplesmente mecânica do sexo normativo, torna a mulher inferior, quase como se o sexo para a mulher fosse punitivo e para o homem poderoso. Inclusive, isso se reproduz no discurso misógino, que trata mulheres que ficam com muitos homens como putas, e homens que ficam com muitas mulheres como vitoriosos. Eleva o status deles e diminui o delas (RDMI, p.197).

Algo que a jornalista e escritora Rebecca Solnit frequentemente faz é evitar a generalização em suas escritas, utilizando comumente parênteses para adicionar que, embora constantes situações indicam que homens assediam e promovem danos à sociedade (pela estrutura beneficiá-los), não são todos os homens que reproduzem o comportamento que, muitas vezes, é induzido e esperado deles.

Já houve outros tipos de perseguição em público e nas redes sociais, tanto da esquerda quanto do centro e da direita, mas essa opressão no âmbito da vida íntima me parece, a partir das histórias que coletei e dos ativistas com quem conversei, ser principalmente um fenômeno conservador; e, como os conservadores são em maioria brancos, é provável que também seja um fenômeno dos brancos (embora o controle coercitivo exista em todas as raças e todas as orientações políticas). (DQEH, p. 65).

E como não poderia ser diferente, de acordo com a formação discursiva de Rebecca Solnit, ela é a favor do controle do armamento, em relação às políticas sobre o assunto, Solnit explica que os representantes que votam e desenvolvem

projetos de lei contra o aborto são os mesmos que desenvolvem e votam em PLs contra o controle do armamento. Essa é a formação discursiva desses políticos conservadores, é esperado um comportamento deles, e eles agem de acordo com esse comportamento, exatamente porque se encaixam no padrão conservador. Logo, se entende que essas formações discursivas (conjunto de discursos que são homogêneos entre si) são também formações ideológicas (ORLANDI, 2005).

Sobre isso, Solnit categoriza esses homens, todos podem ser incluídos numa mesma espécie, ela utiliza o termo “espécime-tipo” para designá-los. O exemplo que ela traz é de um deputado republicado que bateu na esposa somente porque ela não se despiu rápido o suficiente quando ele queria fazer sexo. Conforme a autora, esses são os homens que não respeitam mulheres que ainda não têm uma relação afetiva e/ou não respeitam as próprias esposas, são eles, muitas vezes, que são contra métodos contraceptivos, como a camisinha, com a desculpa de que é mais prazeroso para eles não utilizá-las, e são esses mesmos homens que, inclusive, tiram o preservativo durante o ato, engravidam mulheres e depois são os mesmos que elegem ou que são os deputados, políticos em geral, que propõem projetos de lei antiaborto.

Os direitos reprodutivos são o que faz com que as mulheres em idade fértil sejam capazes de participar plenamente da vida pública e econômica, de ter a mesma soberania sobre seu corpo que os homens têm e dão como certa, de serem livres e iguais. Acredito que o ódio ao aborto vem geralmente do fato de que ele proporciona as mulheres uma autonomia e uma liberdade equivalente a dos homens e esse ódio é expresso por pessoas que não demonstram nenhum interesse pela saúde dos bebês, nem pelo bem-estar das crianças, nem das mulheres e a esta altura também não demonstra o interesse pela ciência, pelos fatos, nem pela verdade e as mentiras que eles contam abrem o caminho para as suas leis. (DQEH, p. 78).

Solnit escreveu esse trecho antes do regresso sobre as leis antiaborto nos EUA¹⁹. Conforme ela, ter a garantia de poder realizar o aborto com segurança e saúde, faz com que as mulheres se tornem cidadãs, porque dá a elas um poder que os homens já têm: de seguir a sua vida com ou sem uma criança, de decidir dar ou não segmento a uma gravidez não planejada e, frequentemente, indesejada. Esse “poder”, que na verdade é um controle sobre o seu próprio corpo, colaboraria para que a sociedade fosse menos desigual, contudo, o que ocorre é uma demonização do aborto, até porque as pessoas não estão interessadas em entendê-lo, em

¹⁹ Saiba mais em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-61924948>. Acesso em 02/01/2023.

entender os direitos reprodutivos das pessoas com útero. Por isso, Solnit tem um ensaio, incluído em DQEH, chamado “As mentiras se tornam leis”. Uma mentira é contada, com a internet ela viraliza, as pessoas temem essa mentira e depois conservadores no poder desenvolvem projetos de lei.

Um espécime-tipo é, na biologia, a primeira versão oficialmente nomeada de uma planta ou um animal, que passa a representar as características daquela espécie no imaginário popular. Descobri, ao longo dos anos, que as pessoas também dizem frases que são espécimes-tipo. São afirmações reativas que incorporam uma visão de mundo ou uma falácia, ou a maneira como uma visão de mundo está repleta de falácias como um porco-espinho está repleto de espinhos. O valor dessas afirmações é demonstrar, de forma elucidativa e drástica, como funcionam algumas mentes, ou como algumas convicções agem sobre nós, ou por que existe tanta merda e tanta loucura no mundo. (DQEH, p. 80).

Tanto Solnit quanto críticos da mídia, inclusive a ativista do feminismo bell hooks, escrevem que alguns dos propagadores dessas “espécime-tipo” são os meios de comunicação, principalmente, a mídia hegemônica. De acordo com essas autoras, a mídia colabora com a circulação e permanência de impressões negativas quanto àquilo que o feminismo e as diversidades defendem. Entretanto, a mídia hegemônica também já ofereceu espaço para pautas da diversidade, pelo próprio papel social e de impacto (PENA, 2008) da mídia.

E, nos dias de hoje, também é necessário considerar o poder das redes sociais, espaços de criação e propagação de “fake news” sobre qualquer assunto que incomode a normatividade, sendo esses espaços pertinentes para a propagação e reprodução das “espécimes-tipo”.

Quando se falou sobre educação sexual foram criadas notícias falsas sobre supostos kits gays que seriam distribuídos às crianças, com materiais que jamais entraram em discussão no setor da Educação para serem entregue às crianças. Embora educação sexual nas escolas, que é uma pauta da esquerda (e que encontra forte resistência de outras frentes ideológicas²⁰), seja extremamente

²⁰ A discussão sobre sexualidade e gênero encontra espaço no âmbito político de esquerda, mas no centro e na direita, essas questões recebem menos consideração, sendo tratadas como assunto de menor importância. Falar sobre educação sexual nas escolas, por exemplo, é um tabu em governos conservadores, sendo colocado como incentivo à iniciação da vida sexual de crianças. No governo Bolsonaro, conservador e de extrema direita, se veiculou uma campanha que incentivava a abstinência sexual na adolescência (disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/tudo-tem-seu-tempo-prega-campanha-de-damares-por-abstinencia-sexual/>), que, conforme a Defensoria Pública da União, não previne a gravidez precoce, e por isso, foi recomendada que a campanha não fosse lançada. Assim, debater reais métodos contraceptivos, maneiras de identificar assédio, liberdade sexual etc não entraram na discussão pública promovida pelo último governo do Brasil.

significativa para o entendimento em relação aos direitos das crianças, na Austrália, por exemplo, incentivada por um movimento que surgiu nas redes sociais, com uma estudante perguntando quem já tinha sido abusado dentro da escola e recebendo mais de 200 mil respostas afirmativas sobre o tema, uma petição foi aberta para que o governo australiano incluísse o tema no currículo escolar, entendendo que a temática instrui alunos a identificarem casos de abuso²¹.

No início de 2022, uma notícia de 2018 viralizou. No Ceará, uma menina, que tem hoje 16 anos, denunciou o primo, de 23 anos, por abusos cometidos contra ela, que ocorreram entre 2017 e 2018 (quando ela tinha 11 e 12 anos), após uma palestra sobre educação sexual²² no Centro de Referência Especializado de Assistência Social (Creas). Esse é um dos poderes do conhecimento, a identificação de direitos.

Outro assunto que Solnit discute são os perigos dos “incels”. São homens, celibatários involuntários, que não encontram parceiras amorosas e/ou sexuais, e, nas camadas mais profundas da internet participam de chats de conversação onde fomentam ódio contra as mulheres e as pessoas em geral, devido às suas próprias frustrações. No livro, a autora discute alguns casos de incels que realizaram massacres, por esse descontentamento com as mulheres.

Os incels são homens heterossexuais que veem de longe esse sexo mecanicista e transacional e o desejam, ao mesmo tempo que se enfurecem contra aqueles que o praticam. O fato de que as mulheres não querem intimidade com pessoas que as odeiam e tentam lhes fazer mal parece que ainda não ocorreu aos incels, já que parecem desprovidos de empatia — a capacidade de entrar, imaginativamente, no que outra pessoa está sentindo. E também não ocorreu a muitos outros homens, pois logo depois que aquele incel de Toronto²³ foi acusado de assassinato em massa a simpatia por ele começou a crescer. No New York Times, o colunista Ross Douthat atribuiu a um libertário esta noção: “Se nos preocupamos com a justa distribuição da propriedade e do dinheiro, por que assumimos que o desejo por algum tipo de redistribuição sexual é inerentemente ridículo?”. O insano aqui é que nem o conservador Douthat nem os libertários estão preocupados com a justa distribuição dos bens e do dinheiro, algo que se costuma chamar de socialismo. Isto é, até que a propriedade seja uma mulher. E, nesse caso, ficam felizes em contemplar

²¹ Disponível em <https://emails.estadao.com.br/blogs/kids/entenda-por-que-educacao-sexual-e-assunto-fundamental-para-as-escolas/>. Acesso em 06/11/2022.

²² Disponível em <https://oglobo.globo.com/brasil/menina-assiste-palestra-sobre-educacao-sexual-denuncia-primo-por-estupro-no-ceara-1-25400687>. Acesso em 06/11/2022.

²³ Em 2018, no Canadá, Alek Minassian atropelou 25 pessoas. Dez morreram e 15 ficaram feridas. Durante as investigações, foi descoberto que ele participava de chats, de celibatários involuntários, na internet. Esses espaços promovem discurso e ações de ódio contra as pessoas em geral. Matéria sobre o caso disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/motorista-de-ataque-com-van-em-toronto-e-acusado-de-dez-homicidios.ghtml>. Acesso em 06/11/2022

uma redistribuição que parece ter tanto interesse no que as mulheres querem quanto os senhores da guerra ao dividir suas escravas sexuais na Guerra da Tróia. (DQEH, p. 113).

Assim como Solnit faz em RDMI, em DQEH, ela também reconhece o quão nociva a estrutura patriarcal também é para os homens, embora ela desenvolva seus ensaios com notícias que mostram a agressividade advinda dos homens e que eles estão em constante vantagem, mas isso não é o suficiente para retirá-los do alcance da estrutura de mão-dupla que os beneficia e os aprisiona, simultaneamente.

Bem sei que ser homem pode ser uma prisão de outras maneiras. Conheço e amo muitos homens heterossexuais, bissexuais e gays. Vejo os fardos que eles carregam e fico feliz por não carregar. Há toda uma série de coisas que um homem não deve fazer, dizer ou sentir, uma patrulha constante em cima dos meninos para impedi-los ou puni-los por fazer qualquer coisa em desacordo com as convenções da masculinidade heterossexual. Aqueles meninos para quem em seus anos de formação termos como “veado” e “mulherzinha” – não ser hétero ou não ser macho – são os epítetos mais degradantes. (DQEH, p. 134).

Sobre a história ser contada por homens, Solnit critica a quantidade de representações – em monumentos, nomes de ruas, de cidades etc – que se referem não somente a homens, mas que também se referem a pessoas que cometeram atrocidades e são rememoradas na história ainda nos dias de hoje. Contudo, a autora, junto de outro autor, Joshua Jelly-Schapiro, criaram um atlas de Nova York no qual modificaram nomes de localizações e estatuetas, deixando de homenagear homens, passando a homenagear mulheres²⁴.

As críticas da autora encontram motivações em todas as partes, em coisas que não são questionadas, como o nome de um bairro que homenageia líderes de movimentos racistas como a *Klu Klux Kan*, como havia no Tennessee (DQEH)

Numa sociedade que foi estruturada sob o racismo, a misoginia, a cisgeneridade, a heterossexualidade, o patriarcado, há opressões em todos os espaços, sutis ou potentes, e cabe, assim como a Solnit acredita, aos militantes e a juventude buscarem a mudança.

As estátuas e os nomes não são, em si mesmos, direitos humanos ou acesso igual, tampouco um substituto para eles. Mas são partes cruciais do ambiente construído, que nos dizem quem é importante e quem será lembrado. Elas fornecem imagens concretas para a nossa imaginação e

²⁴ Disponível para a compra em <https://www.amazon.com/Nonstop-Metropolis-York-City-Atlas/dp/0520285956>.

definem a percepção do passado que evocamos para definir qual futuro vamos escolher e quem desejamos valorizar e ouvir no presente. (DQEH, p. 192).

Apesar da exposição constante de atrocidades cometidas contra mulheres durante toda a obra, ao final a autora demonstra esperança, porque o mundo está mudando e mais mulheres têm falado, mais a juventude tem se inserido em movimentos sociais e políticos, muito mais tem sido feito. Nos dois livros, Solnit reforça o lado positivo do feminismo, através de sua vivência, e das pessoas com quem se envolveu (amorosa e amigavelmente, ou de forma totalmente oposta), teve experiências suficientes para identificar no movimento feminista uma ponte para a segurança que sempre buscou, foi nele que encontrou força para ser audível, falar mais alto, e confrontar as formas de silenciamento que a atingiram.

4. A PLURALIDADE DOS FEMINISMOS ALCANÇA INTERSECCIONALIDADES

Perdemos muito quando não tentamos, mas há uma estrutura que inibe as tentativas de quem ocupa a posição de mulher, de LGBT, de negro ou negra, da diversidade de modo geral.

A escritora e jornalista Rebecca Solnit reforça em RDMI, que o problema não é a mulher, mas o patriarcado, como já dissemos no começo deste trabalho numa breve apresentação. A mesma situação é apontada pela teórica feminista bell hooks, em seu livro “O feminismo é para todos”, hooks esclarece que tampouco o ser homem é o problema, mas que o sexismo o é, e o sexismo pode ser praticado tanto por homens quanto por mulheres, e essa falta de reconhecimento da prática feminina quanto ao sexismo é um dos grandes obstáculos para o esclarecimento e progresso do feminismo. Conforme a teórica, “o feminismo é um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão”, conceituação utilizada para identificar que o movimento não se desenvolve como um ataque contra os homens (frequentemente, o feminismo é visto, principalmente pelos homens, como uma ferramenta para “acabar” com o homem, inclusive, piadas na internet são feitas sobre isso, essa é a compreensão equivocada do movimento).

Contudo, uma das vertentes dos feminismos identifica que o gênero é o grande problema, e o gênero masculino seria, desde o nascimento, beneficiado, que essa distinção homem x mulher, beneficiaria sempre os homens. O feminismo radical luta a favor da abolição do gênero, e uma parte dessa vertente enxerga nos homens a causa de todas as situações negativas pelas quais as mulheres passam. Desta forma, algumas feministas radicais têm em seus discursos falas de promoção de ódio contra homens, e muitas incluem ataques contra as mulheres trans, desrespeitando a identidade dessas mulheres.

Como as feministas radicais visualizam o gênero masculino como beneficiado, algumas enxergam que mulheres trans, por terem sido designadas ao gênero masculino no nascimento, já teriam nascido beneficiadas, o que desconsidera toda a opressão sofrida exatamente pela distinção entre homem x mulher, que indica o que alguém que nasceu com órgão genital masculino deve fazer, e como uma pessoa que nasceu com órgão feminino deve se comportar, e assim, por diante. Nesse sentido, os feminismos, embora pareçam seções para

abranger mais mulheres, demonstram que na verdade são contradições, que enfraquecem a unidade do movimento. Mulheres com pensamentos divergentes do que é ser mulher, do que é o feminismo, de como praticá-lo, sem reconhecer as próprias falhas (BUTLER, 2018; HOOKS, 2018). Há progresso, mas há também arbitrariedade no julgamento do quão compreensivo é o feminismo.

Enquanto o feminismo contemporâneo progredia, enquanto as mulheres se davam conta de que o grupo dos homens não era o único na sociedade que apoiava o pensamento e o comportamento sexistas – mulheres também poderiam ser sexistas –, atitudes anti-homem já não definiam a consciência do movimento. O foco passou a ser um grande esforço para criar justiça de gênero. Mas as mulheres não poderiam se juntar para promover o feminismo sem confrontar nosso pensamento sexista. A sororidade não seria poderosa enquanto mulheres estivessem em guerra, competindo umas com as outras (HOOKS, 2018, p 18).

É o que Solnit não faz: não promove reflexão sobre as lacunas no movimento feminista, embora seja uma referência no assunto, em nenhuma das duas obras estudadas – e nas outras duas lidas – há esse espaço para também criticar um movimento que é, muitas vezes, acadêmico e que não chega a todos os lugares.

A autora bell hooks critica exatamente esse ponto, dos feminismos estarem mais na academia, sendo tema de artigos que não serão compreendidos pela grande maioria das mulheres. Hooks destaca que o feminismo deveria ser um assunto discutido religiosamente, que teóricas e apoiadoras dos feminismos deveriam bater de porta em porta, explicando o que são e como funcionam, e de como a compreensão poderia colaborar com o desenvolvimento de uma sociedade mais igualitária e com menos violência. Inclusive, essa seria a tática para enfraquecer a visão que a mídia propaga do feminismo. De acordo com hooks, os meios de comunicação divulgam uma visão equivocada do feminismo, o que fortalece a perspectiva negativa que homens, e também mulheres, têm do feminismo. Hooks usa a conceituação de “mídia patriarcal”, já que a hegemonia midiática está nas mãos da heteronormatividade branca.

Desde seu início, o movimento feminista foi polarizado. Pensadoras reformistas escolheram enfatizar a igualdade de gênero. Pensadoras revolucionárias não queriam apenas alterar o sistema existente para que mulheres tivessem mais direitos. Queríamos transformar aquele sistema para acabar com o patriarcado. Como a mídia de massa patriarcal não estava interessada na visão mais revolucionária, nunca recebeu atenção da imprensa dominante. A noção de “libertação da mulher” que pegou – e ainda está no imaginário do público – era aquela que representava mulheres querendo o que os homens tinham. E essa era a ideia mais fácil de realizar. Mudanças na economia do país, depressão econômica,

desemprego etc. criaram um clima favorável para que cidadãos de nossa nação aceitassem a noção de igualdade de gênero no mercado de trabalho. (HOOKS, 2018, p. 19).

Outras autoras também consideram a mídia promotora de uma visão parcial e segregada do feminismo. De acordo com Júlia dos Anjos, a imagem divulgada pela mídia é somente do feminismo liberal, o qual proporciona situações como as manifestações em que as mulheres participam com os seios à mostra. Nesse caso, as feministas liberais consideram que já que os homens podem andar na rua com os mamilos de fora, elas também podem.

A grande mídia, entretanto, continua a construir a ideia de que o feminismo liberal é o feminismo em si, quando, em realidade, trata-se de um ponto de vista que propõe uma visão de igualdade centrada no mercado e tende a obliterar “embora defenda a liberdade de escolha, recusa-se a abordar as restrições socioeconômicas que tornam a liberdade e o empoderamento impossíveis para a grande maioria das mulheres” (ARRUZZA; BHATTACHARYA; FRASER., p. 11, tradução livre). Por esse motivo, Nancy Fraser, Cinzia Arruzza e Tithi Bhattacharya defendem que o feminismo liberal, que consideram como uma “cópia sinistra” do movimento feminista de segunda onda, mancha o nome da luta pelas mulheres. (DOS ANJOS, 2022, p. 237).

De acordo com Dos Anjos, essa vertente se tornou a cara do feminismo e é o que a mídia reproduz como sendo o feminismo em si. Ainda conforme a autora, o feminismo se tornou uma palavra estigmatizada e rejeitada por muitas mulheres, que não se sentem representadas por ela. Inclusive, para ela, essa estigmatização não é consequência da cooptação do movimento pelo neoliberalismo, mas é resultado da própria organização (ou falta da organização) política das mulheres (Ibidem, p. 239).

Mas, para Dos Anjos (op.cit), a estigmatização não é somente um problema da desorganização das mulheres. Os meios de comunicação não divulgam, somente nos dias de hoje, uma visão parcial do feminismo. Conforme a autora, revistas de grande circulação do passado colaboraram para que o feminismo fosse visto como é hoje.

Vale lembrar que publicações como “O Malho” e “Careta” – baratas, bem impressas e de grande circulação nacional e internacional – detiveram papel de destaque como porta-vozes da condenação à militância feminista. Apesar de apresentarem tom humorístico, revistas como esta (sic) foram, tanto no Brasil como no exterior, instrumentos de ataque a oponentes políticos em vários momentos históricos. (DOS ANJOS, 2022, p. 243).

Para Ayres, uma forma de combater a estigmatização propagada pelos meios de comunicação, é a incorporação de estudos sobre gêneros nos cursos de graduação em Jornalismo. Conforme Ayres (2022), é necessário mudar a base do jornalismo, isto é, a formação dos jornalistas, atualizando-a, e incluindo conteúdos e produções sobre o tema.

Afinal, tudo o que acontece dentro das redações, a forma como ocorrem as relações, o espaço que cada gênero ocupa, o modo como a diversidade é entendida e contemplada, se reflete no produto que o público recebe. Os estudos de gênero vêm cada vez mais incorporados às discussões sobre as identidades, representatividade, etc. Muito se fala sobre a mídia e o jornalismo, refletindo sobre o que é veiculado na internet, na TV, no rádio, ou publicado em jornais e revistas. Muitas áreas de conhecimento se debruçam sobre reportagens, entrevistas, notícias, para compreender como o gênero é (re)produzido, representado. Entretanto, pouco se discute sobre o processo de produção destas matérias, de quem está por trás. Jornalistas são mediadores/ as de realidades, apresentam visões de mundo. Mas estarão eles/elas preparados/as, formados/as para produzir matérias a partir de uma cuidadosa abordagem de gênero e diversidade? As pesquisas mostram que não. (AYRES, 2022, p. 254).

Embora hooks, Dos Anjos, Ayres, e outras estudiosas enfatizem a mídia como uma propagadora da visão negativa do que é feminismo, Solnit utilizou exatamente de meios de comunicação para amplificar a sua voz, enquanto feminista, enquanto mulher, enquanto defensora das minorias. Escreve sobre gênero e demais assuntos de seu interesse pessoal em jornais estadunidenses, reunindo, muitas das crônicas, em livros, como é o caso do DQEH. Ou seja, o jornalismo foi uma ferramenta utilizada por Solnit para responder ao silenciamento imposto a ela, por ser uma mulher. Mesmo tendo se escondido, evitado situações, comportamentos e pessoas, para fugir da opressão patriarcal, ao amadurecer, Rebecca Solnit enxergou, nos meios de comunicação, nos livros, na academia, palco para discutir essa opressão, respondendo assim, ao silenciamento esperado de mulheres.

Se ainda não ficou claro, este trabalho não busca fomentar apenas as contradições do feminismo e criticá-lo. Considera o movimento, ainda hoje, extremamente importante, mesmo que há quem discuta que o feminismo não pode alcançar mais conquistas, que estaria estagnado, até porque muitas conquistas do feminismo ainda são desconsideradas, há, assim como sempre houve, desvalorização quanto ao tema.

A deputada mais votada de Santa Catarina, na última eleição, em 2022, Ana Caroline Campagnolo, do Partido Liberal (PL), escreve sobre e oferta aulas sobre feminismo. Usa, inclusive, da pauta feminista como uma base para se promover, visto que é antifeminista e fala sobre o feminismo de sua perspectiva cristã conservadora. No vídeo “A história do feminismo”²⁵, em que Ana Caroline ministra uma aula sobre a segunda onda do feminismo, a parlamentar discorre sobre o feminismo ter mais relação com o combate à moralidade, os costumes e à família. No audiovisual, a deputada indica o livro “Sexo Privilegiado”, escrito por Martin Van Creveld (2004). Conforme o autor, a mulher sempre esteve em situação de privilégio no mundo do trabalho, porque, enquanto os homens tinham o dever de trabalhar, a elas cabiam apenas as tarefas domésticas, e isso era e é um privilégio. Inclusive, no capítulo que trata de trabalho, Ana Caroline indica que o autor esclarece o quão prejudicial para o sistema foi a inclusão da mulher no mundo do trabalho, pois as mulheres causavam caos ao tentar desenvolver tarefas.

Casos como o da Ana Caroline Campagnolo demonstram que mulheres nem sempre são aliadas, comprovado também pelo ranking desenvolvido pela revista feminista AzMina²⁶, que cataloga, anualmente, os parlamentares que melhor e pior atuaram pelas pautas femininas. No último levantamento, de 2022, exposto na plataforma Elas no Congresso²⁷, mostra que a representante política na Câmara dos Deputados do Brasil, que mais agiu contra as mulheres, foi uma mulher, a deputada federal, também do PL, Chris Tonietto.

Então, esse trabalho não é uma produção antifeminista, mas busca promover a discussão das falhas do feminismo, assim como reconhecer a sua importância, inclusive, que faz do feminismo tema para eleições. Além, de também, é claro, discutir o quão importante os meios de comunicação são para a propagação de um tema como esse. Afinal, a jornalista Solnit usa desses espaços para publicar a sua perspectiva sobre o tema, que repercute outras vozes, e alcança tantas outras pessoas; fazendo barulho e combatendo o silêncio das mulheres.

Para autenticar o jornalismo de Rebecca Solnit (mesmo que a própria Solnit se reconheça mais como uma escritora, por escrever não ficção), encontro suporte no Jornalismo Sensível (JS) de Victor Rocha, cuja abordagem tem algo de inovador

²⁵ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=OLi5SiIKYPon>. Acesso em 09/10/2022.

²⁶ Revista digital que se autodenomina feminista, disponível em: <https://azmina.com.br/>

²⁷ Disponível em <https://www.elasnocongresso.com.br/ranking>. Acesso em 19/10/2022.

no espectro teórico do campo, embora não exatamente genuíno apenas em sua originalidade autoral.

Para Rocha (op.cit.), como já indicado neste trabalho, a sensibilidade tem importância e é necessária tanto na produção quanto na reprodução jornalística. Conforme o autor, nos dias de hoje, vive-se numa sociedade que consome aceleradamente a notícia, sem, de fato, apreciá-la, tornando tanto a produção jornalística quanto o consumo de notícias, práticas automatizadas.

Convive-se com um tipo de notícia criada em moldes industriais, pensada para ser consumida na pressa e logo em seguida descartada, como as embalagens de fast-food. Engolimos tudo sem mastigar, sem saber a procedência e sem apreciar bem o gosto. No fim, ainda repassamos. E fica a saudade bucólica de um tempo em que o jornal demorava longas 24 horas para se tornar embrulho de peixe. (ROCHA, 2022, p. 18).

Essa banalização da notícia que hoje é construída de forma acelerada e é lida na mesma velocidade, incomoda Rocha, que defende a inclusão da sensibilidade à informação. Na mesma proporção, o autor destaca a inevitabilidade da opinião no jornalismo. Inclusive, para ele, essa busca exagerada pela objetividade minimiza o potencial informativo da notícia, pois, em detrimento da técnica da objetividade e imparcialidade, menos se informa, porque as fórmulas de escrita do jornalismo convencional são limitadoras.

Enquanto isso, as finalidades dos ideais positivistas não se consolidam no jornalismo, já que é impossível alcançar e comprovar uma versão da realidade única ideal, assim como não existe uma objetividade total ou uma imparcialidade límpida, livre de vieses. Essa meta racionalista teria conduzido historicamente o jornalismo brasileiro a um excesso de fórmulas e repetições, deixando em segundo plano a busca pelo fundamental, que é informar. Tais princípios colaboram para uma recepção breve e acrítica das notícias. (Ibidem, p. 31).

Solnit, como já ressaltado ao longo desta pesquisa, tem um estilo de escrita singular para o jornalismo convencional. Devido a isso, foi utilizado Felipe Pena (2008), para trabalhar sua escrita enquanto jornalismo literário. Com Victor Rocha (2021, 2022), podemos especificar ainda mais o estilo de jornalismo de Solnit, entendendo-o como sensível.

Para Rocha (2022), é importante que a informação tenha uma narrativa com nuances autorais e estilismo, que busque contextualizar e humanizar os assuntos que não são contemplados pela grande mídia hegemônica, assim como Solnit faz ao escrever sobre minorias (em direitos, não em quantidade de pessoas), em seus

livros de não ficção e colunas em jornais independentes, desprendendo-se da objetividade.

Ao unir estética, humanização e pautas mais diversas, esse tipo de texto elevaria a noção de realidade do leitor, se comparado com o jornalismo tradicional, normalmente imerso em uma lógica produtivista. Nesta perspectiva, clarificamos a busca pela apresentação de realidade pluralizada e estímulo à empatia social com base no uso da sensibilidade do jornalismo. (Idem, p. 56).

O Jornalismo Sensível de Rocha considera não somente a sensibilidade daquela voz que está sendo mediada, como também do próprio jornalista. “Devemos compreender que não há como mediar a voz do outro, a não ser através das suas próprias emoções, seu olhar pessoal e estilo descritivo”. (Ibidem, p. 60). Assim, Rocha compreende que o trabalho de promoção de sensibilidade é conjunta, pois reúne a do personagem, que se une a sua própria, ao passo que se conecta com a de um terceiro, afetando-o.

O sensível, no jornalismo, seria uma afetação tanto ao jornalista quanto ao personagem e ao receptor. Ou seja, algo que transborda e se transmite, uma criação de correntes e de trocas. Como compreendido pelo filósofo francês Jacques Rancière, há no mundo uma ‘Partilha do Sensível. (Ibidem, p. 61).

Então, de acordo com Victor Rocha (2022), o JS é uma alternativa para interessar o leitor, que é atingido, todos os dias, pelo excesso de informação da era da velocidade informativa, e que já não se afeta da mesma forma pelas notícias, devido ao seu excesso. Ao chegar no consumidor de informação com notícias elaboradas com sensibilidade, o leitor teria mais interesse na informação, e haveria, novamente, a possibilidade de ser afetado por ela. Assim, o receptor pode recriar o discurso em si, através de suas próprias sensibilidades.

A produção de sentidos afeta o leitor e causa uma mudança, induz qualquer tipo de ação, comove-o. A sensibilidade provocada pelo texto, a princípio abstrata, tem capacidade de afetar o mundo real do seu leitor, causando uma transformação efetiva. Tal compreensão torna possível pensar no estímulo empático, na quebra das naturalizações e na suspensão do cotidiano servindo-se de uma produção (ou obra) jornalística. (Ibidem, p. 207).

Deste modo, outros teóricos e jornalistas auxiliam na compreensão da relevância da subjetividade no jornalismo, como estratégia para interessar os receptores de informação. Solnit produz obras e conteúdos, sobre variados

assuntos, tão informativos quanto o jornalismo tradicional, sem se desprender do objetivo de jornalismo, que é informar.

Rebecca Solnit escreve bastante sobre direitos reprodutivos, uma pauta que foi urgente na segunda onda do feminismo, iniciada em meados dos anos 1960 e que perdurou por, mais ou menos, 20 anos. É bastante preocupante – e demonstra os passos de formiga que temos dado – que, ainda hoje, no Brasil, esse assunto seja não somente um tabu, como também colocado como uma arma enquanto parte de discursos políticos para eleger candidatos. Nas eleições presidenciais de 2022 no Brasil, o presidente eleito para atuar com o mandato de 2023 a 2026, Luis Inácio Lula da Silva (Lula, pela Frente Ampla Federação Brasil da Esperança), enquanto pré-candidato à presidência pelo Partido dos Trabalhadores (PT), havia falado, num bate-papo que o aborto é uma questão de saúde pública²⁸.

Tratar o aborto como um problema de saúde pública é uma pauta das feministas. O assunto integra o discurso e a formação discursiva feminista, pois a defesa do aborto considera a autonomia da mulher, que sofre com a obrigação de dar segmento a uma gestação, por vezes, indesejada, uma situação pela qual a maioria dos homens não passa. Dados do Portal da Transparência do Registro Civil dos primeiros sete meses de 2022, mostraram que mais de 100 mil crianças não receberam o nome do pai na certidão de nascimento²⁹. São homens que escolhem não registrar e não assumir seus filhos.

Para evitar esses casos, de uma criança sem uma família estruturada, ou vinda ao mundo sem uma mãe que se sinta preparada (ou interessada) em, realmente, ser mãe, muitas mulheres realizam aborto. E pelo tema ainda ser um tabu, até abortos legalizados podem gerar problemas para a vida da mulher, já que, de acordo com dados do Sistema Único de Saúde (SUS), o procedimento utilizado para efetuar o aborto legalizado no Brasil (gestação em caso de estupro, risco de vida da mãe e anencefalia do feto), conforme Organização Mundial da Saúde (OMS), é ultrapassado e não é mais utilizado em diversos outros países, devido aos

²⁸ <https://www.poder360.com.br/eleicoes/lula-diz-que-aborto-e-questao-de-saude-publica-e-nao-vergonha/> acesso em 01/11/2022.

²⁹ Ver mais em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-08/mais-de-100-mil-criancas-nao-receberam-o-nome-do-pai-este-ano#:~:text=A%20porcentagem%20C3%A9%20maior%20que,nascimentos%20e%2092.092%20pais%20ausentes.> Acesso em 01/01/2023.

riscos do método³⁰. Deste modo, o aborto, visto como um tabu, é uma questão de saúde pública porque ocasiona em graves riscos para a vida da mulher, tanto nos casos ilegais quanto legais no Brasil.

Pelo presidente Luis Inácio Lula da Silva usar a exata frase que compõe a formação discursiva feminista, compreende-se que ele estava interessado em atingir esse público. Contudo, no último debate presidencial, realizado pela Rede Globo, no dia 28 de outubro de 2022, o oponente de Lula na disputa pela presidência, o até então presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro (Frente Ampla Pelo Bem do Brasil) usou essa fala para criticar Lula.

Na verdade, Bolsonaro destacou exatamente o que Lula havia falado, que seu oponente considerava o aborto uma questão de saúde pública. Entretanto, diante da situação, Lula enfaticamente afirmou que não é a favor do aborto.

Compreendemos assim, que aborto ainda é tratado como uma pauta de interesse de todos, mesmo que ocorra no corpo de uma mulher (e por isso seja um tema tão frequente, e ainda urgente, nos estudos e nas produções feministas, como de Solnit), e candidatos à presidência utilizam desse tema para, de alguma forma, se beneficiar, porque a população brasileira, como Lula disse no bate-papo, trata a questão da família e dos valores de maneira retrógrada. Para Parzianello (2022), o aborto é usado estrategicamente como uma arma retórica eleitoral, no qual o orador pressupõe os valores do público (no caso de Lula, a maioria, em números, da população nacional, que são as mulheres), e passa a defendê-los, o que não significa necessariamente que o discurso se tornará ação.

Então, quando Lula estava no bate-papo que não estava sendo transmitido em rede nacional para a família tradicional brasileira, ele defendia a pauta feminista do direito ao aborto, mas quando esse mesmo assunto é tema de um debate com tamanha visibilidade, como o último debate presidencial antes da votação transmitido pela maior rede de televisão aberta do Brasil, o discurso de Lula muda e se equipara, em determinado ponto, ao discurso do candidato de direita, que é conservador e totalmente contra o aborto. Contudo, esse mesmo conservador de

³⁰ Ver mais em: <https://azmina.com.br/reportagens/abortos-atendidos-pelo-sus-sao-feitos-com-procedimento-ultrapassado/>. Acesso em 01/01/2023.

direita, no passado, já pensou em sugerir o aborto³¹ a ex-esposa, mãe de seu filho Renan Bolsonaro. O jogo da política permite essas formações discursivas.

Nos Estados Unidos, país onde Rebecca Solnit nasceu, houve um regresso em relação à pauta do aborto. Em 1973, as mulheres passaram a ter direito de realizar o aborto em território nacional. Contudo, em junho de 2022, essa decisão foi derrubada. O novo julgamento não torna, necessariamente, o aborto ilegal nos EUA, contudo, os estados norte-americanos poderão, agora, decidir se criminalizam ou não a interrupção da gravidez. Mais da metade dos estados é governado por conservadores, o que significa que a interrupção será classificada como ilegal na maior parte do território, essa é uma ação esperada, de acordo com a formação discursiva dos conservadores estadunidenses.

A decisão derruba quase 50 anos de progresso, mostrando que, mesmo com direitos conquistados, as mulheres podem, a qualquer momento, ter os seus direitos atingidos, porque a classe feminina não é vista como relevante, condição tão importante para a consideração da mulher na sociedade, como Solnit identifica. Isto ocorre porque a sociedade é patriarcal.

O patriarcado constitui um dos pilares que estruturam a sociedade contemporânea ocidental, influenciando diretamente na formação dos pensamentos e dos discursos sociais. As regras e a regulação social são influenciadas pelas desigualdades pautadas nas diferenças sexuais, delimitando o modo de funcionamento de cada pessoa, designando os papéis a serem desempenhados e agregando valores em cada um deles. Dessa forma, o patriarcado formula um contrato social que pode ser compreendido como um contrato sexual, o qual impacta diretamente nas produções simbólicas e materiais de uma sociedade. (SILVA, 2019b; NARVAZ; KOLLER, 2016 apud VANALI; KOMINEK; BOBER, 2022, p. 344).

Sendo assim, o valor não é da mulher, mas agregado a ela, assim, seus direitos não são dela, podendo, facilmente, serem retirados. O feminismo sempre terá espaço enquanto a sociedade não igualar (não no sentido de serem vistos exatamente iguais, mas considerando suas diferenças) mulheres e homens, para que seus direitos sejam estabelecidos e garantidos. Contudo, o que ainda acontece, é o valor da mulher ainda sendo definido pelos homens.

Segundo Narvaz e Koller (2006), o patriarcado moderno contratual se inscreve em toda estrutura da sociedade civil capitalista neoliberal, a qual, apesar de apresentar um discurso reformista, mantém a base tradicional do patriarcado. O pensamento pautado nessa perspectiva reconhece que não

³¹ <https://apublica.org/2022/10/bolsonaro-pediou-para-excluir-de-entrevista-fala-sobre-aborto-diz-ex-editor-da-playboy/> acesso em 01/11/2022.

há a imagem de “um pai” que detém o poder sobre as mulheres, entretanto mantém a figura simbólica masculina como autoridade e referência, tendo este por direito e competência autorização de regular sobre o que é dito e assumido como feminino. (VANALI; KOMINEK; BOBER, 2022, p. 344).

Nesse sentido, as autoras, por meio de outros teóricos, apontam que o gênero estabelece padrões e esses padrões oprimem mulheres, a partir do nascimento, mas não somente no descobrimento do gênero, uma vez que, conforme Beauvoir (apud BUTLER, 2018) não se nasce mulher, se aprende a ser, sendo assim, ao longo do desenvolvimento da mulher, a opressão segue ocorrendo e estabelece o que, como, e de que forma ela deve ser.

É um lugar destinado e subjugado, através de uma consciência coletiva, na qual a estrutura patriarcal e machista indica que é normal salários diferentes para cargos iguais, que são permitidos julgamentos em relação ao tamanho da roupa de uma mulher, as críticas ao comportamento feminino, etc. Para Silva (apud VANALI; KOMINEK; BOBER, 2022), foi através da obra “Segundo Sexo”, de Beauvoir (1949), que se iniciou a distinção entre sexo e gênero, sendo o sexo a marca biológica e o gênero a construção social que irá estabelecer lugares e ações.

Na segunda onda feminista, as feministas buscavam encontrar a causa do patriarcado, dessa imposição de inferioridade à mulher. As feministas radicais indicaram que o problema estava exatamente na reprodutibilidade, diferente do que Solnit indica com a penetrabilidade, embora, ambos, se refiram a ações relacionadas ao ato sexual.

As feministas desta onda buscavam compreender a origem da condição feminina e a razão das opressões sofridas (SILVA, 2019b). Além de buscar um fator comum, essencial, que unisse todas as mulheres, e que justificasse sua situação de vulnerabilidade em relação aos homens. A resposta à questão levantada parecia ser o fato de as mulheres engravidarem. Sob a ótica dessa onda, a mulher é socialmente condicionada e explorada em razão do sexo biológico e de suas funções reprodutivas. Já o patriarcado é o sistema responsável pela opressão, social e econômica da mulher, baseado em sua função reprodutiva e limitando a mulher ao papel de mãe e esposa. (Ibidem, p. 349).

Por outro lado, enquanto as mulheres brancas e heteronormativas discutiam a origem da opressão, as mulheres que não se sentiam acolhidas pelo feminismo, estavam desenvolvendo os feminismos identitários. Esse assunto é bastante discutido por bell hooks que, quando discute o acesso ao trabalho, fala que as mulheres negras já trabalhavam quando as feministas brancas lutavam pelo direito ao trabalho, o problema é que entre essas pautas levantadas, não estavam

melhores condições de trabalho para as mulheres negras e pobres, mas o direito ao trabalho para as mulheres brancas que já tinham alguma estabilidade econômica.

Essa é uma discussão que ocorre também entre outras teóricas. Butler destaca que as feministas, para tornar o feminismo mais efetivo, precisa reconhecer a repressão que a mulher universal do feminismo promove, a de exclusão das demais.

Não basta inquirir como as mulheres podem se fazer representar mais plenamente na linguagem e na política. A crítica feminista também deve compreender como a categoria das “mulheres”, o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais se busca a emancipação. (BUTLER, 2018, s/p).

Compreendo que pelo histórico da luta feminista – que superficialmente parece uma luta unificada contra o sistema que privilegia homens e que desconsidera a equidade entre homens e mulheres – seja difícil reconhecer os problemas dentro do movimento feminista, porque é uma forma de também reconhecer as falhas e os equívocos do feminismo. O que não ocorre do outro lado, não existe um movimento de homens que falhou, existe um sistema que sempre os privilegiou e as falhas desse sistema seriam a “subversão”, a “rebeldia”, a “superação” da mulher ao emergir e combater o patriarcado, que faz parecer que o mundo é masculino.

Embora a história, por vezes, mostre o contrário, grandes nomes da filosofia são homens. Há um apagamento das mulheres, promovido pelo protagonismo masculino dos homens na filosofia. O que não significa a ausência de mulheres nessa área. É o que reforça a professora de Filosofia, Halina Leal (2021).

A questão é que fomos e somos recorrentemente silenciadas e apagadas da história contada por filósofos homens, numa reprodução do sexismo e do machismo presentes na sociedade patriarcal. Neste sentido, a filosofia tem servido para reforçar e legitimar as desigualdades entre os gêneros e, sim, ela tem gênero, na medida em que ainda é expressa fortemente por vozes masculinas. (LEAL, 2021).

Inclusive, esse “lugar da mulher” foi fortalecido pelo pensamento de grandes filósofos. Nietzsche, de acordo com Scarlett Marton (2022), teve importância na construção da noção de mulher idealizada que existe até os dias de hoje. Para Nietzsche, a mulher poderia ser perfeita, se contribuísse com o progresso intelectual do marido, sendo somente o apoio, a que cuida dos filhos, e a que não impede o

desenvolvimento individual do marido – mesmo quando esse suporte não fosse recíproco. Caso contrário, a mulher não seria perfeita, mas má e falsa.

Chaves (2022), resenhando Marton (que apesar de ser uma estudiosa afim de Nietzsche, em seu novo livro, o critica fortemente, em relação a sua contribuição à idealização da mulher perfeita), explica que o movimento feminista do século XIX confronta a filosofia dogmática do que é idealizado como ser mulher.

[...] em “O canto da dança” na Parte II, ainda no Zaratustra, quando a vida pergunta a Zaratustra o que é a sabedoria, a resposta é que esta se assemelha a uma mulher por, talvez, ser “má e falsa”, por ser mutável e teimosa; em Para além de bem e mal, entre os parágrafos 232 e 239, criticando os movimentos emancipatórios, ele (Nietzsche) critica ao mesmo tempo o comprometimento metafísico da ideia de uma “mulher em si”, de tal modo que a mulher enquanto gênero passa a teorizar a mulher enquanto conceito; desse modo, a crítica do movimento feminista do século XIX, já bastante forte na Alemanha, vai de par com a crítica à filosofia dogmática. Como os filósofos dogmáticos, as mulheres que querem se emancipar buscam universais, conceitos e essências ou ainda pretendem renunciar à mentira, à beleza e à aparência (MARTON, apud CHAVES, 2022).

Ainda para Nietzsche, à mulher cabia um lugar diferente do homem, inclusive, na produção textual. Para o filósofo, era uma ofensa haver, já na época dele, mulheres que eram escritoras, porque, de acordo com o filósofo, elas não sabiam o seu lugar na sociedade. As mulheres escritoras eram as que mais incomodavam Nietzsche.

Para Scarlett Marton, justamente o fato de escreverem, de ousarem tornar públicos os seus textos, mesmo que seja se utilizando de um pseudônimo masculino: George Sand era o nome artístico de Aurore Dupin. Invasoras na esfera pública, essas mulheres teriam abandonado o que seria, no fundo, o seu lugar natural: a casa, o casamento, a reprodução, tal como a capa do livro, tão significativa e emblemática, aponta. Nessa perspectiva, essas mulheres que ousam escrever são signos da *décadence*, palavra-chave para entendermos a crítica da modernidade nos últimos textos de Nietzsche. (MARTON, 2022).

Assim, é possível voltar à Halina Leal (2022), e compreender essa naturalização que se deu em relação à filosofia ser masculina. Se os grandes nomes, como Nietzsche, promoviam a estigmatização do pensamento crítico e da produção literária, de que forma as mulheres poderiam ocupar o espaço que lhes era negado?

A filósofa Nancy Fraser corrobora com a perspectiva de Leal ao reconhecer que, embora Fraser tenha tido contato com diversas filósofas em sua formação, ainda assim, era incomum que elas fossem levadas a sério. “Não é coincidência, afirma, que algumas das filósofas feministas mais reconhecidas de sua geração só

encontraram posições em outros departamentos: Judith Butler foi para o de retórica, Seyla Benhabib para o de estudos governamentais e Iris Young para o de ciências políticas” (BRESSIANI, s/d).

Reconhecer as consequências do patriarcado em sua área de formação, não impede que Fraser também discuta os problemas do feminismo. Conforme Nancy Fraser, as feministas estadunidenses no final dos anos 1960, discutiam acerca da igualdade e diferença das mulheres para os homens. Nessa época, as feministas pela igualdade compreendiam que a opressão era consequência do gênero, que constrói as mulheres como sensíveis, aptas para algumas atividades (como a criação de filhos), e inapta para outras (por exemplo, como a vida intelectual, sendo esta concepção também um resquício do pensamento filosófico dogmático). Por isso, as feministas pela igualdade defendem a superação do gênero, por ele ser a fonte da opressão. Já as feministas pela diferença, rejeitam a noção de igualdade, porque esta assimila mulheres aos homens, igualando-os e ignorando o fato de que há diferenças entre os gêneros, visto que, para as feministas da diferença, as feministas igualitárias partem de um padrão masculino e universal, que desvaloriza não somente a feminilidade como as particularidades das mulheres – que, naturalmente, as distingue dos homens.

Tendo isso em vista, feministas pela diferença defendiam que a emancipação das mulheres exigiria o reconhecimento da diferença de gênero e não a sua superação. Seria preciso lançar mão de políticas de identidade, valorizando as características e atividades associadas à feminilidade, como a sensibilidade e o cuidado. (BRESSIANI, s/d).

De acordo com Fraser, apesar da discordância entre as feministas pela igualdade e as pela diferença, ambas teriam universalizado uma única perspectiva: a da mulher branca, heterossexual e de classe média (Biassani). Não incluindo, desta forma, as mulheres, mas a mulher. Assim, para Fraser, o movimento feminista iniciou com um discurso de igualdade entre homens e mulheres, posteriormente, surgiram feministas reivindicando que o movimento, na verdade, deveria assumir que as mulheres são diferentes, e, na sequência, houve os feminismos das mulheres que não se identificavam com nenhum dos discursos, da igualdade, tampouco da diferença.

Nesse período, se encontra o cerne das discussões de Fraser. A partir desse período se intensificou as reivindicações que privilegiavam a cultura, assim, a discussão da economia foi sendo deixada para trás, porque as mulheres defendiam

o reconhecimento de suas diferenças em relação ao conceito universal de mulher única. A pauta é válida, mas, de acordo com Fraser, o foco na cultura não irá resolver o problema da estrutura patriarcal, dessa forma, é necessário unificar o reconhecimento das particularidades das mulheres com a economia.

A autora propõe uma alternativa para minimizar o impasse entre as feministas da igualdade e da diferença, utilizando a identidade (que é o ponto principal do impasse, em virtude das feministas pela igualdade discutirem que mulheres devem ter direitos iguais, porque são iguais aos homens, nesse caso, há a identificação de igualdade, e as feministas pela diferença discutem que mulheres não são iguais aos homens, já que isso, conforme elas, perpetuaria a estrutura patriarcal e machista, além de que também apagaria as características das mulheres). Para isso, seria necessário valorizar a sensibilidade, as atividades de cuidado, o trabalho doméstico, e outras funções, sem relacioná-las às mulheres, sem estigmatizar as atividades como femininas. Assim, desestabilizando a diferenciação entre homens e mulheres, “permitindo mudanças na auto identidade de todos e garantindo maior paridade de participação, ao tornar o processo de formação da identidade mais livre e democrático”.

Em relação à problemática de cultura x economia, a filósofa afirma que é hora de unir as duas lutas, porque uma não abrange a outra, e esse isolamento atrasa o progresso. Contudo, Fraser destaca que a discussão sobre as injustiças econômicas estão muito mais atrasadas. Quando se fala sobre a economia, não é somente relacionado à mulher, mas às pessoas de modo geral, que vivem em situação de trabalho precarizado para receber um salário mínimo. Também em relação à divisão desse trabalho precarizado que é atribuído, em maior proporção, a homens negros, imigrantes, minorias étnicas de modo geral. Essa abrangência não invalida discussões feministas, mas a partir do movimento feminista, é possível fomentar outros debates.

Para Fraser (apud BRESSIANI, s/d), outro ponto bastante importante é a distinção entre trabalho produtivo e reprodutivo, A filósofa problematiza a falta de valorização das atividades reprodutivas, afinal, conforme Fraser, os vínculos sociais são criados e gerenciados nas atividades reprodutivas, e sem eles, a sociedade não funciona.

Segundo ela [Fraser], sem que as pessoas tenham e criem seus filhos, mantenham os lares e se engajem em atividades que ajudem a manter laços sociais e horizontes compartilhados, nem a sociedade nem o próprio capitalismo teriam como continuar a existir. O problema é que, orientado à valorização do capital, o capitalismo tende a mercantilizar as diversas esferas sociais, colocando essas atividades e a si mesmo em risco. Essa contradição, afirma, vem se intensificando no cenário contemporâneo, no qual o avanço da produção tem corroído as condições para a realização das atividades reprodutivas. (BRESSIANI, s/d).

Assim, a mulher é cobrada para retornar para o trabalho produtivo, mas estando nele, ela também é cobrada pelo não trabalho afetivo e de cuidado com seus filhos, por ter retornado ao emprego. Nessa situação, existe uma exploração do mercado do cuidado, no qual mulheres pobres (e acrescento: majoritariamente negras) são pagas para cuidar dos filhos de outras mulheres, para que elas possam voltar a trabalhar fora. Assim, a filósofa compreende que o feminismo capta as atividades produtivas para si, entretanto, a questão da reprodução é uma atividade que também tem relação.

Interessante destacar que, de acordo com Rebecca Solnit, ser pai e cuidar do seu filho é visto de uma maneira diferente de quando se é uma mulher com filhos.

Recentemente, um dos meus melhores amigos me disse que está perplexo com os sorrisos e elogios que recebe ao sair em público com seu filho pequeno, como se cuidar do filho fosse algo opcional e ele merecesse ganhar pontos por isso. Parece que tudo o que um pai fizer, exceto a parte financeira, é um bônus, um extra; e nada que uma mãe fizer é suficiente. Essa é uma das razões pelas quais uma mulher pode querer ser homem (e porque optar por ter filhos pode significar algo totalmente diferente para uma mulher do que para um homem, a não ser que ela tenha aquela coisa ainda tão rara: um parceiro cujo comprometimento com o trabalho de criar os filhos seja verdadeiramente igualitário). (DQEH, p 138)

Assim, podemos identificar que do homem não é cobrado, com tanta frequência, o trabalho afetivo. Resultado, inclusive, causado pela separação de gênero, de como uma mulher deve ser, e de como um homem deve se portar, reforçando que esses estereótipos e lugares definidos são prejudiciais também para os homens.

Quando ampliamos a discussão dos problemas que encontram espaço nos campos de debate dos feminismos, a interseccionalidade é reforçada, porque são várias opressões que atingem a mulher.

O conceito de interseccionalidade, de acordo com Rodrigues (2013), nasce do combate à articulação entre racismo e sexismo que enfrentam mulheres negras. Para o autor e outros teóricos, a interseccionalidade está vinculada diretamente ao

feminismo negro. Nesta pesquisa, ampliamos a abrangência do termo para as diversas violências que atingem o indivíduo pertencente a minoria.

De acordo com Crenshaw, a interseccionalidade “trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras” (apud RODRIGUES, 2013, p. 6). Conforme Luiza Bairros, o termo ainda colabora para a compreensão dos diferentes feminismos.

Raça, gênero, classe social, orientação sexual reconfiguram-se mutuamente formando [...] um mosaico que só pode ser entendido em sua multiplicidade [...] Considero essa formulação particularmente importante não apenas pelo fato que ela nos ajuda a entender diferentes feminismos, mas pelo que ela permite pensar em termos dos movimentos negros e de mulheres negras no Brasil. Este seria fruto da necessidade de dar expressão a diferentes formas da experiência de ser negro (vivida através do gênero) e de ser mulher (vivida através da raça) o que torna supérfluas discussões a respeito de qual seria a prioridade do movimento de mulheres negras: luta contra o sexismo ou contra o racismo? - já que as duas dimensões não podem ser separadas. Do ponto de vista da reflexão e da ação políticas uma não existe sem a outra. (BAIROS apud RODRIGUES, 2013, p. 6).

E através deste termo podemos discutir outras violências. Assim, a partir da discussão feminista, é possível visualizar outras opressões que não estão vinculadas a ser mulher (como a precarização do mercado de trabalho que afeta diretamente o homem negro), mas que também podem ser debatidas no campo das problemáticas feministas, pelo espaço que esta proporciona. Algo constantemente feito por Solnit, em suas obras. O livro DQEH é um exemplo disso, no qual a autora reúne crônicas e críticas sobre diversos assuntos, em um livro feminista.

Judith Butler (2018) compartilha da compreensão sobre a interseccionalidade ser natural no debate feminista, devido as discussões sobre gênero fomentarem o diálogo sobre outros temas.

Se alguém “é” uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da “pessoa” transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida. (BUTLER, 2018, s/p).

Na discussão de gênero, atualmente, é difícil separar a mulher, e principalmente a discussão sobre gênero, da interseccionalidade, conforme já apontado por Fraser (op.cit.). O discurso de ser mulher acarreta em outros “seres”, ser mulher negra, ser mulher lésbica, bissexual, ser mulher trans, uma das partes que sustenta a fragmentação do feminismo em feminismos, esse ser mulher que não é uma unidade, um bloco fechado, monolítico, mas uma identificação a partir de diferentes características, que tornam esta mulher dos feminismos interseccional. Como este trabalho já descreveu que a jornalista Solnit também é interseccional, embora não marcada por diferentes violências aqui citadas (como o racismo, a LGBTfobia, a transfobia, etc.), mas pela multiplicidade das particularidades da jornalista que a constituem como uma mulher complexa, tal como a discussão sobre feminismos o é. Trata-se de reforçar a identidade múltipla da mulher.

De acordo com Beauvoir, por meio de Butler, o sujeito universal é masculino, a mulher está à margem, sendo o outro.

Para Beauvoir, o “sujeito”, na analítica existencial da misoginia, é sempre já masculino, fundido com o universal, diferenciando-se de um “Outro” feminino que está fora das normas universalizantes que constituem a condição de pessoa, inexoravelmente “particular”, corporificado e condenado à imanência. Embora se veja frequentemente em Beauvoir uma defensora do direito de as mulheres se tornarem de fato sujeitos existenciais e, portanto, de serem incluídas nos termos de uma universalidade abstrata, sua posição também implica uma crítica fundamental à própria descorporificação do sujeito epistemológico masculino abstrato. (BUTLER, s/p).

Conforme essa compreensão, a expressão “nem todos os homens”, muitas vezes utilizadas por homens que querem refutar frases que generalizam atitudes masculinas (por exemplo: uma mulher afirma que todo homem é machista, mas um homem refuta e diz “nem todo homem”), é errônea, afinal, se o sujeito global é um homem fundido num universo misógino, conforme Butler, ele, naturalmente, fala a partir da misoginia, então, todos os homens *sim*.

Sobre isso, Rebecca Solnit discute, em RDMI, que essa expressão incomoda muito mais os homens, do que o fato de existir tantos homens terríveis a ponto de ser natural a generalização do comportamento nocivo da masculinidade.

Quando uma mulher diz que aconteceram coisas ruins a ela ou a outras mulheres e o agressor era um homem, muitas vezes ela é acusada de odiar os homens, como se a realidade daqueles acontecimentos não fosse relevante; só é relevante a sua obrigação de estar sempre sorridente,

radiante, aconteça o que acontecer, ou como se o fato de que nem todos os homens são terríveis tivesse mais peso do que o fato real de que alguns são, de fato, terríveis, e isso tem impacto sobre elas. (RDMI, p. 189).

A autora reforça, nas duas obras analisadas neste estudo e nas produções publicadas nos meios de comunicação, que muitos dos homens nunca compreenderão a posição de privilégio que ocupam, a qual os oferece uma liberdade, não concedida à mulher.

Para a autora, o patriarcado, que resulta no machismo, promove uma idealização do corpo feminino (que, inclusive Nietzsche ajudou a construí-lo, conforme Marton) e na inferiorização dele por ser penetrável. Ao mesmo tempo, mantém as mulheres numa constante posição de insegurança.

Em RDMI, Solnit escreve sobre a importância que a caminhada tem para ela. Ela publicou um livro que fala especificamente sobre o seu interesse por caminhar (“A história do caminhar”), e, através dele, detalha obstáculos que as mulheres encontram ao sair caminhando pelo mundo. A autora enfatiza que caminhar pelo mundo, no sentido literal, é inseguro para uma mulher. Relata situações em que foi cuspidada, assediada, e abordada inconvenientemente em suas caminhadas de lazer.

Assim se expressa o patriarcado. Impede o livre caminhar – de forma literal e figurada – da mulher pelas ruas e pelo mundo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, refletimos sobre o feminismo, por meio das produções de uma jornalista e escritora estadunidense, utilizando a Análise de Discurso, através da qual se possibilitou analisar como o discurso feminista de Rebecca Solnit causa afetações. A jornalista, com sua escrita literária, e conforme vimos, também sensível (Rocha, 2022), informa sobre o feminismo, e promove discussões acerca da estrutura patriarcal e sexista da sociedade. Uma vez que a partir de Solnit termos como *mansplaining* e *whitesplaining* surgiram e são consideradas palavras feministas, que também são pontos de crítica, já que são autoexplicativas no inglês dos Estados Unidos, mas, quando trazidos para o Brasil, sem serem traduzidas ou sem um termo equivalente, restringem a um grupo (com acesso ao estudo acadêmico do movimento) os conceitos que não chegam a todos, o que, obviamente, não é culpa da jornalista, mas uma consequência da falta de busca em tornar o feminismo acessível a todas. Por outro lado, Rebecca Solnit colabora para o acesso às discussões feministas por meio do jornalismo, escrevendo em diversos jornais e em seus livros sobre as implicações da estrutura patriarcal (em anexos, alguns exemplos).

Nas plataformas utilizadas por Solnit para amplificar sua voz, como os meios de comunicação alternativos, a jornalista encontrou suporte para se tornar visível com credibilidade, audibilidade e relevância. Assim, podendo propagar a sua perspectiva sobre o movimento de mulheres, tão importante para o seu desenvolvimento e amadurecimento. O discurso de Solnit é composto por quem ela é, através de onde ela encontrou espaço para divulgação. Como já apontado por Maingueneau (2004), o discurso não existe sozinho, ele tem relação com quem o enuncia e o meio no qual se enuncia.

O feminismo da autora e jornalista, Rebecca Solnit, é resultado de suas vivências, das tentativas de silenciamento que sofreu e das tentativas e de vezes em que homens conseguiram não somente silenciar outras mulheres, como também torná-las para sempre inexistentes. Por isso, quando Solnit demonstra visualizar o feminismo apenas como positivo e benéfico para todas as mulheres (em suas variadas formas de ser mulher), deve ser considerado o quanto foi benéfico e positivo o movimento para ela, auxiliando-a a compreender suas ações, seus sentimentos e seu espaço no mundo.

Dessa forma, é criticável quando a autora não promove a discussão da fragmentação do feminismo (em feminismos), ou não debate sobre as problemáticas intrínsecas ao movimento, já mencionadas aqui (como o início segmentado do movimento, que não considerou as mulheres negras que já estavam no mundo do trabalho, ou os impasses causados pelo patriarcado na vida das mulheres lésbicas e bissexuais etc), mas, por outro ângulo, é possível compreender sua perspectiva, visto que a consciência gerada pelo feminismo trouxe não somente empoderamento para Solnit, como impulsionamento para sua carreira, tanto quanto jornalista quanto escritora, visto que o tema é conteúdo de muitos de seus trabalhos. Para além disso, com a voz que Solnit tem hoje, debate sobre outros temas, tão importantes para uma sociedade mais equitativa e com menos injustiça social.

Com esta pesquisa, reforçamos a importância do já-dito (ORLANDI, 2005) o qual ocupa um espaço importante no discurso de Solnit, que se constituiu por meio dos estudos de outros autores, afinal, não somos origem de nada. Mas, através desses outros teóricos (e também não teóricos, como as pessoas sobre quem Solnit escreve, interage, ouve), Solnit se tornou feminista antes de se identificar como tal, a constituindo como um sujeito que luta por emancipação de uma estrutura a qual inibe a libertação feminina, mas que também lesa negras e negros, indígenas, LGBTQIA+, a diversidade de modo geral.

Através deste trabalhamos compreendemos que a jornalista e escritora estadunidense Rebecca Solnit narra o feminismo de acordo com suas vivências e condições de produção (Pêcheux, 1997) partindo do que lhe afetou e ainda lhe afeta enquanto mulher, assim, desconsiderando particularidades do movimento que exclui mulheres não brancas, LGBTQs etc. Ainda, identificamos o quão fundamental pessoas como Rebecca Solnit, e produções como as dela, são para o alcance do feminismo – em sua versão mais simples e mais didática. Devido ao movimento de mulheres ainda ser visto de forma taxativa, e tratado muitas vezes num tom pejorativo, ele acaba sendo difundido, por antifeministas – como as mulheres políticas de direita mencionadas neste trabalho – como imoral, em vez de libertador e promotor de equidade.

Mesmo com suas fragmentações (feminismos), que evidenciam que o todo (feminismo) não acolhe todas as mulheres, o movimento foi fundamental para a consciência social e política do lugar da mulher (que não é fixo, tampouco específico e designado conforme convenções da sociedade patriarcal), e o movimento ainda é,


pela insistência das mulheres em não permitir que se mantenha a ordem da estrutura como sempre foi: desigual. Rebecca Solnit manifesta, em sua história e em sua carreira, a importância do feminismo, do movimento de mulheres, do ser mulher.

A partir da jornalista e escritora Rebecca Solnit, que é interessada em diversos temas relacionados à minorias, temos acesso a outros assuntos, que não são somente o feminismo, mas que integram e interagem com a discussão feminista, como a questão do aborto, repetida nas obras lidas e nas matérias que publica (imagem 04), e que também não são restritas ao feminismo, como política (imagem 03), segurança pública (imagem 02), mudanças climáticas (imagem 01), e tantos outros temas já mencionados nesta pesquisa. Assim, com sensibilidade, Solnit instiga interesse nos leitores em temas para além do feminismo. Oferecendo, como todo jornalista deve oferecer, visões sobre o mundo. O feminismo da autora, que chega até nós por meio de sua escrita, é um chamado – e um mecanismo de acesso – para o conhecimento e a informação acerca de assuntos que compõem o ativismo de Rebecca Solnit.

ANEXOS


Opinion
Greta Thunberg

Greta Thunberg ends year with one of the greatest tweets in history
Rebecca Solnit



Sat 31 Dec 2022 08.21 GMT

Thunberg's funny exchange is a reminder of the connection between machismo, misogyny and hostility to climate action



📷 'He was hoping to promote himself with his sneer at Thunberg; he managed to raise his visibility just in time to make news of his arrest.' Photograph: Jonathan Nackstrand/AFP/Getty Images

Imagem 01:

Print de uma matéria da colunista Rebecca Solnit para o jornal The Guardian, publicada no dia 31 de dezembro. A publicação trata de um comentário sobre o caso, conforme Solnit, de machismo, misoginia e hostilidade climática do kickboxer Andrew Tate, que fez uma postagem provocativa contra a ativista climática Greta Thunberg. (Acesso em 09/01/2023, disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2022/dec/31/greta-thunberg-andrew-tate-tweet>).

Opinion
US prisons

I have a friend on death row. He's the most remarkable person I know
Rebecca Solnit



Tue 27 Dec 2022 11:13 GMT

[f](#) [t](#) [e](#)

To live for 41 years in a small cage in concrete is to be profoundly sensorily deprived. Recently my friend Jarvis Masters asked me to describe moss



Imagem 02:


Print de uma matéria de opinião de Rebecca Solnit para o jornal The Guardian, publicada no dia 27 de dezembro de 2022. O tema da publicação é a amizade com um homem que está preso há 41 anos. Ela usou o assunto para discutir a questão carcerária dos Estados Unidos, além de também falar a respeito das pessoas que são acusadas de determinados crimes sem provas. (Acesso em 09/01/2023, disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2022/dec/27/us-prisons-death-row-rebecca-solnit>).

Opinion
US news

This article is more than 1 month old

Trump's eternal quest for attention has led to the announcement of a presidential bid

Rebecca Solnit



Wed 16 Nov 2022 09.09 GMT

[f](#) [t](#) [e](#)

Pundits who prophesied Trump will ride high seemingly forgot that the wheel that turns up, also turns down - and the midterms proved it




Imagem 03:

Print de uma matéria opinativa de Rebecca Solnit para o jornal The Guardian, publicada no dia 16 de novembro de 2022. Na publicação, a jornalista critica Donald Trump por, novamente, colocar o seu nome à disposição para a eleição presidencial dos Estados Unidos de 2024. (Acesso em 09/01/2023, disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2022/nov/16/trump-presidential-bid-eternal-quest-attention>).

Opinion
Abortion

This article is more than **2 months old**

Abortion is a bread-and-butter economic issue. We need to treat it that way

Rebecca Solnit



Parent hood, criminality or death: these are now the all-too-expensive options for many women in the wake of the Dobbs decision



Thu 3 Nov 2022 10.31 GMT

f t e

Imagem 04:

Print de uma matéria opinativa de Rebecca Solnit para o jornal The Guardian, publicada no dia 03 de novembro de 2022. Na publicação, a jornalista comenta sobre a regressão na legalização do aborto nos Estados Unidos, ocorrida em 2022.

(Acesso em 09/01/2023, disponível em:

<https://www.theguardian.com/world/2022/nov/03/abortion-women-inequality-dobbs-supreme-court>).



Hope on Far Horizons: Rebecca Solnit on the Exoneration of Kevin Strickland

"To be broken is to reach out, to be open, to be incomplete and therefore to welcome outside in."

Imagem 05:

Nesta crônica publicada no portal Literary Hub, em 21 de dezembro de 2021, Rebecca Solnit novamente fala de seu amigo que está encarcerado, contudo, usa de uma linguagem ainda mais subjetiva, devido ao padrão do portal, que é aberto a publicação de produções literárias. (Acesso em 09/01/2023, disponível em: <https://lithub.com/hope-on-far-horizons-rebecca-solnit-on-the-exoneration-of-kevin-strickland/>).



Imagem 06:

Capa do livro “Recordações da minha inexistência – memórias” (2021), um dos objetos deste estudo.



Imagem 07:

Capa do livro “De quem é esta história? – feminismos para os tempos atuais” (2019), um dos objetos deste estudo.

BIBLIOGRAFIA

AYRES, Melina de la Barrera. A formação de jornalistas na perspectiva de gênero e diversidade: uma mudança necessária (e urgente) para a profissão. In: LIVEIRA-CRUZ, Milena Freire de; MIGUEL, Raquel de Barros Pinto; JANUÁRIO, Soraya Barreto (org). **Feminismo, Mídia e Subjetividades**. Santa Maria: Facos-UFSM, 2022, p. 251-276. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/26994/Livro_Feminismos_Midia_Subjetividades.pdf. Acesso em 15 dez. 2022.

BRESSIANI, Nathalie. **Nancy Fraser e o Feminismo**. Blog Mulheres na filosofia. S/D. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/nancy-fraser-e-o-feminismo/>. Acesso em 09 de dez. 2022.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero** – Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CANAVILHAS, João. **Webjornalismo**: da pirâmide invertida à pirâmide deitada. *Jornalismo digital de terceira geração*, p. 2. 26-36, 2006. Disponível em: https://www.academia.edu/2462313/Webjornalismo_Da_pir%C3%A2mide_invertida_%C3%A0_pir%C3%A2mide_deitada. Acesso em 12 dez. 2022.

CHAVES, Ernani. **Nietzsche e as mulheres**: Considerações sobre o livro recém-lançado de Scarlett Marton. *A Terra é redonda*. 07 de agosto de 2022. Disponível em: https://aterraeredonda.com.br/nietzsche-e-as-mulheres-2/?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=novas_publicacoes&utm_term=2022-08-29. Acesso em 13 de set. 2022.

DOS ANJOS, Júlia C. Versiani. “Era uma vez” o feminismo? caminhos sinuosos do movimento das mulheres na contemporaneidade. In: OLIVEIRA-CRUZ, Milena Freire de; MIGUEL, Raquel de Barros Pinto; JANUÁRIO, Soraya Barreto (org). **Feminismo, Mídia e Subjetividades**. Santa Maria: Facos-UFSM, 2022, p. 227-250. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/26994/Livro_Feminismos_Midia_Subjetividades.pdf. Acesso em 15 dez. 2022.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2011.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo** – políticas arrebatadoras. 1º edição. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

LEAL, Halina. **Filosofia e Gênero**. Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia. 21 de junho de 2021. Disponível em: <https://anpof.org/comunicacoes/coluna-anpof/filosofia-e-genero>. Acesso em 26 de dez. 2022.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 3° ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo** – Gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3° ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MORAES, Érika. **Contribuição da Análise do Discurso para a concepção de linguagem do jornalista**. Estudos linguísticos, São Paulo, 40 (3): p. 1316-1325, set/dez, 2011. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1255>. Acesso em 12 de dez. de 2022.

MORETZSOHN, Sylvia. **“Profissionalismo” e “objetividade”**: o jornalismo na contramão da política. Beira interior: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação (BOCC), 2010. Disponível em: <http://bocc.ufp.pt/pag/moretzsohn-sylvia-profissionalismo-jornalismo.pdf> Acesso em 14 dez. 2022.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2005.

PARZIANELLO, Geder. **O discurso sobre o aborto como retórica eleitoreira**. A Terra é redonda. 14 de julho de 2022. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/o-discurso-sobre-o-aborto-como-retorica-eleitoreira/>. Acesso em 11 de jan. 2022.

PÊCHEUX, Michel. **Análise Automática do Discurso**. In GADET, F. HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do Discurso**: Uma Introdução à obra de Michel Pêcheux. 3° ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2008.

ROCHA, Victor. **O Jornalismo Sensível como alternativa empática ao modelo tradicional positivista**. Belo Horizonte, Mediação, v. 23, n. 32, p. 88-98, jan/junho, 2021.

ROCHA, Victor. **O Jornalismo Sensível**: Leituras Plurais da Realidade Apresentada pelos Afetos. Curitiba: Appris, 2022.

RODRIGUES, Cristiano. Atualidade do conceito de interseccionalidade para a pesquisa e prática feminista no Brasil. In: **SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO**, X, 2013, Florianópolis. Acesso em 11 de jan. 2022.

SOLNIT, Rebecca. **De quem é esta história?** – Feminismos para os tempos atuais. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SOLNIT, Rebecca. **Recordações da minha inexistência** – memórias. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. 1º reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 1999.

VANALI, A; KOMINEK, A; BOBER, V. **A luta contra o patriarcado**: uma revisão histórica dos movimentos feministas. Revista Ártemis, vol. XXXIII, jan-jun, 2022. Pará, p. 342-359. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/61039/35632>. Acesso em 10 de out. 2022.

VIZEU, Alfredo. **O Jornalismo e as “Teorias Intermediárias”**: cultura profissional, rotinas de trabalho, constrangimentos organizacionais e as perspectivas da Análise do discurso(AD). Beira Interior: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, (BOCC), 2019. Disponível em: <http://bocc.ufp.pt/pag/vizeu-alfredo-jornalismo-teorias-intermediarias.pdf> Acesso em 14 dez. 2022.